

HISTÓRIA COMPARADA

IMPÉRIOS

Volume 7 - Song, sultanatos, cruzadas e expansão mongol: impérios conectados em transformação

África, Américas, Europa e Ásia - cidades, religiões, fronteiras e redes

África, Américas, Europa e Ásia (c. 1000-1300 d.C.) | Edição Definitiva 2026

Texto original com referências acadêmicas e roteiro de estudo

Leonel Edmundo Junior

Apresentação

Este sétimo volume acompanha três séculos em que muitas formações políticas reivindicaram soberania universal sem conseguir organizar todo o mundo sob uma única ordem. Entre aproximadamente 1000 e 1300 d.C., Song governou uma das sociedades mais urbanizadas e comercializadas de seu tempo, mas coexistiu com Liao, Xi Xia e Jin; califas partilharam autoridade com sultões, emires e juristas; Bizâncio, poderes latinos e estados islâmicos transformaram o Mediterrâneo oriental; Cholas, Chalukyas, Gúridas e o Sultanato de Delhi reorganizaram partes do Sul da Ásia; Angkor, Pagan, Đại Việt e outras formações estruturaram o Sudeste Asiático; e estados africanos controlaram recursos, cidades e corredores do Saara, do Nilo e do oceano Índico.

No século XIII, os impérios mongóis alteraram a escala das conexões eurasiáticas. Sua expansão não começou em um mundo vazio nem criou sozinha o comércio de longa distância. Ela incorporou rotas, cidades, especialistas e tecnologias de governo já existentes, ao mesmo tempo que provocou destruição, deslocamentos e recomposição política. O volume separa conquista de administração e integração de homogeneidade. Conectar regiões não significou submetê-las a uma cultura única.

As Américas recebem um capítulo próprio. Cahokia, formações toltecas, cidades maias e estados andinos não pertenciam às mesmas redes regulares que uniam África, Europa e Ásia. Incluí-los impede que “mundo” seja usado como sinônimo de Afro-Eurásia. A ausência de contato comprovado não significa ausência de história comparável: urbanização, tributo, paisagens sagradas, guerra, trabalho e memória também organizaram poderes americanos.

Pergunta central

Como formações imperiais, reinos e redes entre c. 1000 e 1300 d.C. combinaram administração, guerra, religião, cidades e circulação para governar sociedades policêntricas - e de que modo a expansão mongol transformou conexões preexistentes sem criar uma ordem mundial única?

Como usar este volume

Leia os capítulos 1 e 2 para compreender evidências, escalas e o quadro em torno do ano 1000. Depois, siga rotas regionais: Leste Asiático, capítulos 3 e 4; califados, sultanatos e Mediterrâneo, capítulos 5 a 7; Ásia interior, capítulo 8; Sul e Sudeste Asiático, capítulos 9 e 10; Coreia e Japão, capítulo 11; África, capítulo 12; redes inter-regionais, capítulo 13; Américas, capítulo 14; impérios mongóis, capítulo 15. O capítulo 16 recompõe a comparação global. Os apêndices oferecem cronologia, coexistências, matrizes, glossário e atividades.

Cada capítulo responde a cinco perguntas recorrentes: quais evidências sustentam a reconstrução; como ocorreu a formação ou expansão; como o poder funcionava; como pessoas e grupos colaboraram, negociaram ou resistiram; e quais legados ou controvérsias permaneceram. As leituras-base indicam pontos de partida, não uma bibliografia exaustiva.

Autoria, pesquisa e uso editorial

O texto, a estrutura explicativa, as sínteses e as comparações deste volume foram redigidos originalmente para esta coleção. Fatos históricos, nomes e datas pertencem ao conhecimento histórico; interpretações e reconstruções foram confrontadas com a bibliografia e as fontes indicadas. Texto, organização e edição: Leonel Edmundo Junior. Apoio de pesquisa e redação: inteligência artificial.

Este material pode servir de base para estudo, aulas, roteiros, blog, vídeo ou podcast. Ao adaptá-lo, é recomendável preservar a bibliografia, verificar novamente cronologias ou interpretações debatidas e manter a distinção entre evidência, hipótese e convenção historiográfica.

Convenções

- As datas são aproximadas quando as fontes não permitem precisão maior. “c.” significa circa, isto é, “por volta de”.
- “China” designa uma região histórica e um campo de reivindicações políticas, não uma unidade eterna. Song, Liao, Xi Xia e Jin mobilizaram tradições imperiais distintas e sobrepostas.
- “Cruzada” é uma categoria histórica ligada a voto, indulgência e autorização religiosa latina. Nem toda guerra entre cristãos e muçulmanos foi cruzada.
- “Sultão”, “califa”, “imperador”, “khan”, “mansa” e “devaraja” não são equivalentes automáticos. A comparação recai sobre funções, recursos e relações.
- Fronteiras são tratadas como zonas móveis de fortificação, comércio, migração, tributação e soberania graduada.
- Conquista territorial, conversão religiosa, mudança linguística e integração econômica são processos relacionados, mas com ritmos próprios.
- Níveis de segurança: seguro, quando séries independentes convergem; provável, quando a melhor interpretação admite alternativas; debatido, quando cronologia, escala ou causalidade permanecem abertas.
- Números medievais, especialmente de exércitos, mortos e populações, devem ser tratados como estimativas ou recursos retóricos quando não há controle documental independente.

Sumário

Apresentação.....	2
-------------------	---

Mapa dos 14 volumes da coleção.....	5
1. Evidências, escalas e problemas entre 1000 e 1300.....	6
2. O mundo por volta de 1000: muitos centros, conexões desiguais.....	8
3. Song: governo civil, fiscalidade, cidades e inovação.....	10
4. Liao, Xi Xia e Jin: impérios múltiplos no Leste Asiático.....	12
5. Califas, sultões e a recomposição do mundo islâmico.....	14
6. Seljúcidas, Ayyúbidas, Mamelucos e poderes mediterrânicos.....	16
7. Bizâncio, cruzadas e formações latinas.....	18
8. Ásia interior antes e durante a expansão mongol.....	20
9. Índia: Cholas, poderes regionais e Sultanato de Delhi.....	22
10. Sudeste Asiático: Angkor, Pagan, Đại Việt e redes marítimas.....	24
11. Goryeo e Kamakura: Coreia e Japão em transformação.....	26
12. Áfricas: Sahel, Nilo, Etiópia, suaílis e Grande Zimbábue.....	28
13. Rotas, cidades, peregrinos e comunidades mercantis.....	30
14. Américas: Cahokia, Mesoamérica e Andes.....	32
15. Formação e expansão dos impérios mongóis.....	34
16. Comparação final: integração sem ordem mundial única.....	36
Apêndice A. Cronologia analítica.....	39
Apêndice B. Quadros de coexistência.....	44
Apêndice C. Matrizes comparativas.....	46
Apêndice D. Glossário essencial.....	49
Apêndice E. Laboratório de fontes e atividades.....	51
Bibliografia comentada.....	55
Fontes digitais, cursos, acervos e documentários sérios.....	62

Mapa dos 14 volumes da coleção

A coleção principal percorre mais de quatro milênios de história imperial. Os recortes abaixo são pontos de observação comparativa: processos atravessam as fronteiras entre volumes e, quando necessário, os livros se sobrepõem deliberadamente.

Volume	Recorte	Função no percurso da coleção
1	Fundamentos	Como surgem, funcionam e se transformam: método comparativo, poder, administração, economia, legitimidade, resistência e transformação.
2	c. 2350-539 a.C.	Primeiros impérios da Antiguidade: Mesopotâmia, Egito, Anatólia e Levante.
3	c. 559-30 a.C.	Da Pérsia aos reinos helenísticos: Aquemênidas, Alexandre, sucessores e conexões mediterrânicas e asiáticas.
4	c. 30 a.C.-300 d.C.	Roma, Pártia, Han e Cuchana: impérios conectados entre Mediterrâneo, Irã, Índia e China.
5	c. 224-650	Roma tardia, Sassânidas, Guptas e confederações das estepes: transformação da ordem antiga.
6	c. 600-1000	Califados, Bizâncio, Tang e novas formações imperiais: universalidades, fragmentação e redes.
7	c. 1000-1300	Song, sultanatos, cruzadas e expansão mongol: muitos centros e conexões afro-eurasiáticas, com comparação americana.
8	c. 1300-1500	Da fragmentação mongol às novas potências: epidemias, redes globais e recomposição política.
9	c. 1500-1700	Conexões oceânicas e impérios da primeira modernidade: conquista, comércio, trabalho forçado e resistência.
10	c. 1700-1850	Impérios, revoluções, industrialização e novas colonizações: reformas, emancipações e transformação do trabalho.
11	c. 1850-1914	Industrialização, nacionalismos e imperialismo de alta intensidade: conquistas, migrações e resistências.
12	c. 1914-1945	Guerras mundiais, revoluções e crise dos impérios: fascismos, colonialismos e autodeterminação.
13	c. 1945-1991	Descolonização, Guerra Fria e novos imperialismos: superpotências, revoluções e soberanias incompletas.
14	c. 1991-2026	Globalização, ordem unipolar e impérios em rede: intervenções, finanças, tecnologia e novas rivalidades.

Nota de periodização: os limites entre volumes não são “paredes” cronológicas. Sobreposições preservam continuidade quando uma transformação pertence simultaneamente ao encerramento de uma ordem e à formação de outra.

1. Evidências, escalas e problemas entre 1000 e 1300

1.1 Um período construído por sobreposições

Os anos 1000 e 1300 são limites úteis, não paredes históricas. Song começou em 960; os Fatímidas fundaram Cairo em 969; a expansão chola pelo oceano Índico atingiu seu auge no início do século XI; e Angkor já possuía longa trajetória. Em sentido oposto, o mundo mongol formado no século XIII continuaria a transformar Eurásia no século XIV. O volume usa a periodização para sincronizar processos, preservando suas origens e prolongamentos.

Expressões regionais como “Idade Média Central”, “era Song”, “período Kamakura”, “Índia medieval” ou “Mississippiano” não descrevem uma experiência universal. Elas resultam de arquivos e tradições acadêmicas diferentes. A comparação global não busca substituí-las por uma etiqueta única, mas mostrar coexistências e evitar que a cronologia de uma região determine a de todas as outras.

1.2 Arquivos estatais, inscrições e manuscritos

Para Song, histórias dinásticas, memoriais, gazetteers locais, códigos, biografias, inscrições, registros fiscais e obras técnicas permitem reconstruir governo e sociedade. A abundância é seletiva: grande parte do material foi compilada por letrados e preserva melhor debates de elite do que experiências camponesas. Para Liao, Xi Xia e Jin, inscrições, tumbas, objetos, textos em múltiplas línguas e histórias produzidas sob dinastias posteriores precisam ser combinados.

No mundo islâmico, crônicas árabes e persas, biografias, tratados jurídicos, documentos de fundações, moedas, inscrições e manuscritos revelam califas, sultões, cidades e redes de ensino. Arquivos da Geniza do Cairo registram cartas e contas de comerciantes e famílias, mas não representam toda a economia mediterrânea. Em Bizâncio e na Europa latina, selos, cartas, registros monásticos, documentos notariais, leis e narrativas de peregrinação ampliam o campo para além das crônicas militares.

1.3 Arqueologia, ambiente e paisagens

Arqueologia é indispensável onde textos são escassos e também onde são abundantes. Sistemas hidráulicos de Angkor, bairros de Kaifeng, fortalezas da fronteira Song-Liao, assentamentos suaílis, muralhas do Grande Zimbábue e montículos de Cahokia materializam trabalho coletivo, consumo e autoridade. Objetos importados indicam conexão, mas não identificam automaticamente o viajante que os transportou nem o significado que receberam no destino.

Pólen, sedimentos, restos botânicos, fauna e paisagens cultivadas ajudam a reconstruir agricultura e mudanças ambientais. Evite transformar clima em causa soberana. Secas, cheias ou resfriamentos afetam sociedades por meio de instituições: armazenamento, irrigação, acesso à terra, guerra, tributação e desigualdade definem vulnerabilidade.

1.4 Fontes de conquista e o problema dos números

Relatos de cruzadas e conquistas mongóis frequentemente apresentam discursos, sinais religiosos e números extraordinários. Autores buscavam explicar vitória, derrota, pecado, legitimidade ou trauma. A crítica histórica compara versões, distância temporal, gênero do texto e evidência material. Um cronista próximo aos eventos pode preservar informação valiosa e ainda construir uma narrativa moral.

Estimativas de exércitos e vítimas raramente podem ser lidas literalmente. Listas fiscais, capacidade logística, área urbana e séries arqueológicas fornecem limites mais seguros. Reconhecer violência é necessário; transformá-la em espetáculo ou competição de cifras enfraquece a análise. A pergunta central é como campanhas alteraram governo, população, trabalho e memória.

1.5 Tradição oral, genealogia e autoridade

No Sahel, na África oriental e em várias sociedades americanas, tradições orais, arqueologia e linguística sustentam reconstruções que não dependem de um arquivo estatal contínuo. A epopeia de Sundiata, por exemplo, preserva memória política em versões performadas e registradas muito depois dos acontecimentos atribuídos ao século XIII. Ela deve ser estudada como fonte sobre memória, legitimidade e transmissão, não usada como transcrição literal de um único evento.

Genealogias foram instrumentos ativos. Dinastias ligavam-se a santos, heróis, ancestrais e casas prestigiosas para reivindicar direitos. O historiador pergunta quando uma genealogia foi registrada, para qual disputa e com quais silêncios.

1.6 Escalas de comparação

O volume alterna cinco escalas. A imperial acompanha corte, receita, exército e títulos; a regional observa províncias, vassalos e fronteiras; a urbana examina mercados, oficinas e instituições religiosas; a doméstica trata de trabalho, gênero, parentesco e tributo; a inter-regional segue rotas, diásporas e circulação de objetos. Nenhuma escala contém sozinha o funcionamento do poder.

Regra de evidência: Uma conexão é segura quando local de produção, data e local de achado convergem. A identidade do comerciante, a rota completa e o significado do objeto podem permanecer apenas prováveis ou debatidos.

Leituras-base do capítulo: Janet L. Abu-Lughod, *Before European Hegemony*; Valerie Hansen, *The Year 1000*; Michael Borgolte, *World History as the History of Foundations*; UNESCO, *General History of Africa*, volume IV; Timothy Pauketat, *Cahokia*.

2. O mundo por volta de 1000: muitos centros, conexões desiguais

2.1 Um mapa sem centro único

Por volta do ano 1000, Song governava grande parte da China, mas Liao controlava regiões ao norte e mantinha relação diplomática e militar de peso comparável. No Mediterrâneo, o califado abássida sobrevivia sob tutela búida, os Fatímidas governavam do Cairo e os Omíadas de Córdoba haviam reivindicado o califado. Bizâncio expandia-se sob Basílio II; o Sacro Império Romano articulava reis, bispos e aristocracias; e reinos cristãos do norte ibérico coexistiam com al-Andalus.

Na Índia, Cholas avançavam no sul, enquanto Chalukyas, Palas e outros poderes governavam regiões extensas. Angkor, Srivijaya, Pagan em formação, Đại Cồ Việt e estados insulares participavam de redes próprias. No Sahel, Wagadu/Gana era conhecido por autores árabes; no Chifre da África, formações cristãs sucediam Axum; cidades da costa suaíli conectavam interior e oceano. Nas Américas, centros toltecas, cidades maias, sociedades andinas e Cahokia seguiam trajetórias sem contato regular comprovado com Afro-Eurásia.

2.2 Crescimento, agricultura e cidades

Expansão agrícola sustentou muitos estados. Arroz de maturação rápida e obras hidráulicas favoreceram produção no sul da China; terraços, tanques e canais organizaram paisagens no Sul e Sudeste Asiático; cereais e pastoreio sustentaram corredores sahelianos; milho intensivo alimentou centros mississippianos. A inovação não foi uma invenção isolada seguida de difusão automática: plantas, técnicas e relações de propriedade foram adaptadas a ecologias e instituições locais.

Cidades como Kaifeng, Constantinopla, Cairo, Córdoba, Thanjavur e Angkor cumpriam funções diferentes. Algumas concentravam corte e burocracia; outras eram portos, centros de culto ou mercados. Urbanização deve ser medida por densidade, infraestrutura, especialização e dependência do campo, não apenas por muralhas ou monumentos.

2.3 Religiões, peregrinação e autoridade

Budismos, cristanismos, islamismos, hinduísmos, judaísmos e tradições locais organizavam comunidades que atravessavam fronteiras. Mosteiros, mesquitas, igrejas, templos e santuários recebiam propriedades, ensinavam, registravam contratos e distribuía recursos. Governantes patrocinavam instituições religiosas para afirmar legitimidade, mas especialistas religiosos podiam contestar impostos, sucessões e conduta política.

Peregrinação aproximava regiões sem exigir um império único. Meca recebia viajantes de diferentes estados islâmicos; centros budistas conectavam Sul, Centro e Leste Asiático; Jerusalém atraía comunidades concorrentes; templos do Sul da Índia articulavam doação, ritual e economia. A circulação era sujeita a pedágios, insegurança, idioma e capacidade material.

2.4 Fronteiras como instituições

A fronteira Song-Liao não era uma linha vazia. Fortes, mercados supervisionados, embaixadas, pagamentos e migrações transformavam rivalidade em relação institucional. Entre Bizâncio, Armênia, Geórgia e poderes islâmicos, cidades e principados mudavam de aliança. No Saara, poços, oásis, guias e tributos tornavam possível a travessia; no oceano Índico, estreitos e monções definiam nós estratégicos.

Viver em fronteira podia oferecer oportunidades. Chefes, tradutores, mercadores e soldados negociavam títulos e proteção. Também podia aumentar coerção, recrutamento e deslocamento. A mesma instituição que conectava podia vigiar e excluir.

2.5 Comércio sem “economia mundial” plenamente integrada

Prata, ouro, cobre, cerâmica, tecidos, sal, cavalos, madeira, especiarias, livros e pessoas circulavam por cadeias de intermediários. Uma mercadoria raramente atravessava todo o percurso com o mesmo agente. Crédito, parceria, parentesco, confiança religiosa e proteção estatal reduziam riscos. Moedas coexistiam com pagamentos em espécie e unidades de conta.

As conexões eram intensas, mas desiguais. Uma crise no Egito podia afetar o mar Vermelho sem alterar diretamente Cahokia; mudanças na China influenciavam demanda por produtos marítimos, mas não controlavam cada porto. É mais seguro falar em redes parcialmente conectadas do que em sistema global homogêneo.

2.6 Coexistências em torno de 1000

Região	Formações políticas	Base de recursos	Conexões	Questão em aberto
Leste Asiático	Song, Liao, Goryeo, Japão Heian, Đại Cồ Việt	Agricultura, impostos, oficinas, cavalos, portos	Mar Amarelo, estepes, rotas marítimas	Como medir soberanias sobrepostas
Mediterrâneo e mundo islâmico	Abássidas, Fatímidas, Bizâncio, Omíadas de Córdoba, Sacro Império	Terra, cidades, moeda, tributos, comércio	Mediterrâneo, mar Vermelho, Saara	Distância entre títulos universais e comando direto
Sul e Sudeste Asiático	Cholas, Chalukyas, Palas, Srivijaya, Angkor, Pagan inicial	Terra, templos, irrigação, portos	Baía de Bengala e estreitos	Alcance territorial de mandalas e expedições
África	Wagadu/Gana, reinos núbios, formações etíopes, Kanem, cidades suaílis	Ouro, sal, gado, agricultura, marfim, rotas	Saara, Nilo, mar Vermelho, Índico	Cronologias e escala de centralização
Américas	Tula e esfera tolteca, cidades maias, Chimú inicial, Cahokia	Milho, trabalho, tributo, paisagens rituais	Redes americanas regionais	Relação entre influência cultural e domínio político

Leituras-base do capítulo: Valerie Hansen, *The Year 1000*; Janet L. Abu-Lughod, *Before European Hegemony*; Dieter Kuhn, *The Age of Confucian Rule*; Michael Cook, *A History of the Muslim World*; Kenneth R. Hall, *A History of Early Southeast Asia*; UNESCO, *General History of Africa*, volumes III e IV.

3. Song: governo civil, fiscalidade, cidades e inovação

3.1 Reunificação incompleta e escolha institucional

Zhao Kuangyin fundou Song em 960 e incorporou reinos que haviam sucedido Tang, reunificando grande parte da China até 979. A dinastia não conquistou todas as regiões reivindicadas por tradições anteriores. Liao manteve as Dezesesseis Prefeituras ao norte; Xi Xia consolidou-se no noroeste. Song formou-se, portanto, como império poderoso em sistema de vários estados.

Os primeiros imperadores reduziram a autonomia de comandantes regionais e transferiram recursos militares ao centro. A preferência por oficiais civis não significou pacifismo nem ausência de exército. Significou subordinar comando a instituições cortesãs, rotacionar oficiais e impedir que governadores militares convertessem tropas em dinastias próprias.

3.2 Exames, letrados e administração

O sistema de exames tornou-se caminho central para altos cargos, embora educação, riqueza e redes familiares continuassem importantes. Provas anônimas e cópia de respostas buscavam limitar favoritismo. O número de candidatos cresceu, mas a burocracia não absorvia todos. A cultura letrada criou uma elite ampla que servia em cargos, escolas, administrações locais e projetos familiares.

Gazetteers, memoriais e arquivos permitiam ao governo conhecer regiões e debater políticas. Conhecimento não eliminava conflitos. Facções de corte divergiam sobre fronteira, impostos, assistência e reforma. “Burocracia meritocrática” é descrição parcial: o exame selecionava capacidades valorizadas pelo Estado, não igualdade social moderna.

3.3 Receita, reformas e guerra

Song arrecadava impostos territoriais, monopólios, taxas comerciais e receitas sobre sal e chá. O crescimento monetário e mercantil ampliou capacidade fiscal, enquanto grandes exércitos e fronteiras exigiam gastos elevados. Pagamentos anuais acordados com Liao e Xi Xia podem ser lidos como custo diplomático que evitava campanhas mais caras, não simplesmente como humilhação.

No século XI, Wang Anshi propôs reformas de crédito agrícola, organização local, educação e finanças. Defensores esperavam fortalecer população e Estado; críticos temiam funcionários abusivos, distorções e concentração de poder. O debate mostra que “reforma” não é sinônimo automático de modernização benéfica. A execução dependia de agentes locais e condições regionais.

3.4 Economia, cidades e impressão

Kaifeng e depois Hangzhou concentraram mercados, oficinas, entretenimento, administração e consumo. O uso de moeda metálica ampliou-se; papel-moeda apareceu em contextos específicos; impressão xilográfica tornou livros mais disponíveis; produção de ferro, cerâmica e têxteis alcançou grande escala. Agricultores produziam para mercados, mas permaneciam sujeitos a riscos climáticos, dívida e tributação.

A chamada “revolução econômica Song” combina crescimento populacional, expansão ao sul, comercialização e tecnologias. Ela não criou capitalismo industrial nem distribuiu ganhos igualmente. A categoria é útil se explicitar quais indicadores mudaram e quem suportou custos de mineração, transporte e trabalho.

3.5 Conhecimento, religião e vida social

Budismo, daoismo e tradições locais continuaram ativos. O renascimento confuciano associado a autores como Zhu Xi reorganizou cânones e educação, sem substituir imediatamente outras práticas. Famílias investiam em genealogias, escolas e propriedades para conservar posição. Mulheres podiam administrar bens e participar de redes familiares, mas normas patrilineares limitaram direitos e visibilidade documental.

Mapas, relógios, tratados agrônômicos, medicina, navegação, pólvora e impressão demonstram intercâmbio entre oficinas, estudiosos e Estado. Evite listas triunfalistas de “invenções chinesas”: cada tecnologia possuía usos, cronologias e circuitos de transmissão específicos.

3.6 Perda do norte e continuidade do sul

Jurchens fundaram Jin em 1115, derrotaram Liao e capturaram Kaifeng em 1127. A corte Song reorganizou-se no sul, com capital em Hangzhou. A perda foi ruptura dinástica e territorial profunda, mas não extinguiu instituições, cultura letrada nem dinamismo econômico. Southern Song governou até 1279, primeiro diante de Jin e depois dos mongóis.

Interpretação controlada: Song não foi um Estado “moderno antes da modernidade”. Seus exames, mercados e impressão eram historicamente extraordinários, mas funcionavam dentro de monarquia, hierarquia familiar, tributação agrária e trabalho coercivo próprios de seu tempo.

Leituras-base do capítulo: Dieter Kuhn, *The Age of Confucian Rule*; Patricia Buckley Ebrey, *The Cambridge Illustrated History of China*; Peter Lorge, *The Reunification of China*; Paul Jakov Smith, *Taxing Heaven's Storehouse*; Richard von Glahn, *The Economic History of China*.

4. Liao, Xi Xia e Jin: impérios múltiplos no Leste Asiático

4.1 Superar a narrativa de periferias

Liao dos khitan, Xi Xia dos tangutes e Jin dos jurchens foram durante muito tempo descritos apenas como invasores de uma China central. Essa perspectiva reproduz a documentação Song e dinastias posteriores. Cada formação possuía corte, escrita, administração, religião, diplomacia e estratégias para governar populações pastorais e agrícolas. Elas não eram estágios incompletos rumo à assimilação.

O Leste Asiático dos séculos X a XIII foi policêntrico. Governantes negociavam precedência, parentesco fictício, mercados, fronteiras e títulos. A linguagem diplomática podia reconhecer equivalência prática sem abandonar reivindicações universais.

4.2 Liao e a administração diferenciada

Liao foi fundado pelos khitan no início do século X e governou estepes, florestas e áreas agrícolas. A corte mantinha mobilidade sazonal e capitais múltiplas. Sistemas administrativos diferenciados aplicavam repertórios distintos a populações e territórios, embora a divisão entre “norte” e “sul” não deva ser imaginada como separação perfeita.

O Tratado de Shanyuan de 1005 estabeleceu paz duradoura com Song mediante reconhecimento diplomático e transferências anuais. Mercados fronteiriços e embaixadas coexistiram com espionagem e preparação militar. O acordo demonstra que tributo, presente e indenização são categorias políticas dependentes do ponto de vista.

4.3 Xi Xia e o corredor do noroeste

Xi Xia, fundado pela elite tangute, controlou áreas entre planalto tibetano, corredores de Gansu, desertos e fronteiras Song. Criou escrita própria, traduziu textos budistas e combinou instituições regionais com modelos de corte. Agricultura irrigada, criação de animais, comércio e controle de passagens sustentavam o Estado.

Relações com Song e Liao alternaram guerra, acordo e comércio. A documentação preservada em sítios e manuscritos revela uma sociedade multilíngue. O desaparecimento político após a conquista mongol não apaga sua produção intelectual nem autoriza tratá-la como simples intervalo.

4.4 Jin e o governo jurchen

Jurchens ligados às florestas e fronteiras do nordeste rebelaram-se contra Liao e fundaram Jin em 1115. Em aliança inicial com Song, destruíram Liao, mas logo ocuparam o norte da China e capturaram Kaifeng. Jin governou grandes populações agrícolas e cidades, mantendo identidades e instituições jurchens ao lado de práticas chinesas.

Políticas de assentamento, unidades militares hereditárias, exames e administração territorial produziram uma ordem híbrida. “Sinização” não explica sozinha o processo: elites selecionaram repertórios para resolver problemas de receita, sucessão e controle, enquanto conflitos internos redefiniam identidades.

4.5 Fronteiras, comércio e pessoas móveis

Cavalos, chá, seda, grãos, metais e pessoas cruzavam fronteiras. Embaixadores registravam cerimônias e paisagens; desertores e famílias divididas desafiavam classificações; especialistas religiosos serviam a diferentes cortes. Budismo ofereceu linguagem de patronagem que atravessava estados, mas não eliminou tradições locais.

Estados tentavam classificar populações por origem e obrigação. Na prática, residência, profissão, parentesco e serviço alteravam posições. A fronteira era produzida por postos, documentos e mercados tanto quanto por muralhas.

4.6 A chegada dos mongóis

No início do século XIII, Chinggis Khan atacou Xi Xia e Jin. A expansão aproveitou rivalidades existentes, incorporou desertores, engenheiros e administradores e submeteu regiões por campanhas sucessivas. Xi Xia caiu em 1227; Jin, em 1234, após aliança temporária entre mongóis e Southern Song. Essas datas marcam fins dinásticos, não desaparecimento das populações e instituições.

Formação	Ecologia e base	Estratégia de governo	Relações principais	Evidência-chave
Liao	Estepes, florestas e agricultura	Corte móvel, capitais, administração diferenciada	Song, Goryeo, Xi Xia	Tumbas, inscrições, história Liao, diplomacia
Xi Xia	Oásis, irrigação e corredores	Escrita tangute, corte, budismo, postos	Song, Liao, Tibete, rotas centrais	Manuscritos, sítios, moedas, textos traduzidos
Jin	Nordeste e norte agrícola	Unidades jurchens, exames, administração territorial	Song, Goryeo, mongóis	Inscrições, história Jin, cidades, objetos
Song	Vales agrícolas, cidades e portos	Burocracia civil, fiscalidade, exército central	Liao, Xi Xia, Jin, mares orientais	Memoriais, gazetteers, leis, arqueologia urbana

Leituras-base do capítulo: Naomi Standen, *Unbounded Loyalty*; Frederick W. Mote, *Imperial China 900-1800*; Karl A. Wittfogel e Feng Chia-sheng, *History of Chinese Society: Liao*; Ruth Dunnell, *The Great State of White and High*; Jing-shen Tao, *The Jurchen in Twelfth-Century China*.

5. Califas, sultões e a recomposição do mundo islâmico

5.1 Califado sem império territorial único

Por volta de 1000, o califa abássida em Bagdá conservava enorme prestígio religioso e dinástico, mas o comando político direto era limitado. Búidas controlavam a corte; Fatímidas ismaelitas governavam do Cairo; Omíadas haviam proclamado califado em Córdoba; e emires regionais administravam receitas e exércitos. Isso não representava simples “decadência”. A comunidade islâmica tornou-se um ecúmeno com vários centros, unido por língua erudita, direito, peregrinação, comércio e ensino, sem soberania política única.

A autoridade do califa podia legitimar governantes que possuíam força própria. Investiduras, títulos e menções em moedas ou sermões vinculavam poder local a uma ordem mais ampla. O valor desses gestos dependia de juristas, cortes, cidades e públicos regionais.

5.2 A ascensão do sultanato

O termo sultão, associado a autoridade, passou a designar governantes militares capazes de proteger território e religião em nome de uma ordem sunita. Seljúcidas turcos entraram no Irã, derrotaram os gaznávidas em Dandanaqan em 1040 e ocuparam Bagdá em 1055. O califa permaneceu, enquanto o sultão controlava exército, nomeações e grande parte da política imperial.

Essa divisão nunca foi fórmula estável. Califas buscaram autonomia; príncipes seljúcidas competiram; vizires e comandantes construíram redes; e cidades negociaram obrigações. “Califa espiritual, sultão temporal” é resumo didático, não separação institucional moderna.

5.3 Iqta, exército e receita

Governantes distribuíam direitos sobre receitas territoriais a oficiais e militares por formas frequentemente agrupadas sob o termo iqta. O beneficiário não recebia necessariamente propriedade plena da terra nem poder idêntico em todas as regiões. A prática deslocava custos do tesouro, recompensava serviço e ligava elites à dinastia, mas podia favorecer autonomias locais.

Exércitos combinavam cavaleiros, tropas servis, contingentes tribais, guarnições e aliados. Pessoas de origem turca ocuparam posições importantes, mas “turco” não designava uma unidade política ou cultural única. Persa tornou-se língua de corte e administração em várias regiões, enquanto árabe manteve centralidade religiosa e jurídica.

5.4 Madraças, juristas e cidades

Madraças, mesquitas, hospitais, mercados e fundações pias ampliaram infraestrutura urbana. O waqf destinava renda de propriedades a finalidades religiosas, educacionais ou assistenciais, criando continuidade além de um reinado. Doadores conquistavam prestígio, protegiam recursos e moldavam paisagens urbanas.

Juristas não eram funcionários obedientes em bloco. Dependiam de patronagem, reputação e comunidades de aprendizagem. Escolas jurídicas sunitas consolidaram redes, mas práticas locais e tradições xiitas, ibaditas, judaicas e cristãs continuaram. O mundo islâmico do período era majoritariamente muçulmano em muitas áreas, porém religiosamente plural.

5.5 Fatímidas, Cairo e o Mediterrâneo

O califado fatímida governava Egito e territórios variáveis no Levante e no norte da África. Cairo e Fustat concentravam corte, oficinas, comércio e instituições religiosas. O imam-califa ismaelita reivindicava autoridade diferente da abássida. Missionários, estudiosos e administradores conectavam regiões, enquanto exércitos e facções disputavam a corte.

Cartas da Geniza do Cairo revelam comerciantes judeus, famílias, crédito e rotas que ligavam Mediterrâneo e oceano Índico. Elas são extraordinárias, mas socialmente localizadas. Não devem ser convertidas em amostra estatística de toda a economia.

5.6 Ocidente islâmico: taifas, Almorávidas e Almóadas

O califado de Córdoba fragmentou-se no início do século XI em reinos de taifas. Cortes menores patrocinaram cultura e competiram por tributos e alianças. O avanço de poderes cristãos e conflitos internos favoreceram a intervenção almorávida, movimento e império formado no Saara ocidental e Magrebe. No século XII, Almóadas substituíram Almorávidas, articulando reforma religiosa e domínio sobre partes do Magrebe e al-Andalus.

Esses impérios foram africanos e mediterrânicos. Rotas transaarianas, cidades magrebina, comunidades andalusinas e contingentes diversos sustentavam suas ambições. Explicar sua história apenas como reação à “Reconquista” apaga bases políticas próprias.

Tese institucional: A fragmentação do comando não dissolveu o mundo islâmico. Ela multiplicou cortes e sultanatos enquanto direito, peregrinação, ensino, comércio e repertórios de legitimidade continuavam a conectar regiões.

Leituras-base do capítulo: Hugh Kennedy, *The Caliphate*; Michael Cook, *A History of the Muslim World*; Andrew C. S. Peacock, *The Great Seljuk Empire*; Jonathan Berkey, *The Formation of Islam*; Michael Brett, *The Fatimid Empire*; Amira K. Bennison, *The Almoravid and Almohad Empires*.

6. Seljúcidas, Ayyúbidas, Mamelucos e poderes mediterrânicos

6.1 Um Mediterrâneo oriental de poderes sobrepostos

Entre os séculos XI e XIII, Anatólia, Síria, Egito, Jazira e norte do Iraque foram governados por dinastias e principados que mudavam de aliança. Grandes Seljúcidas, Seljúcidas de Rum, Artúquidas, Zênguidas, Ayyúbidas, estados cruzados, armênios, georgianos e Bizâncio disputaram cidades, fortalezas e corredores. Religião estruturava legitimidade, mas não determinava automaticamente coalizões.

Governantes muçulmanos guerrearam entre si; latinos negociaram com cidades islâmicas; cristãos orientais serviram a diferentes poderes. A política regional não pode ser reduzida a dois blocos civilizacionais.

6.2 Manzikert e a transformação da Anatólia

Em 1071, forças seljúcidas derrotaram o imperador Romano IV em Manzikert. A batalha tornou-se símbolo retrospectivo, mas não entregou instantaneamente toda a Anatólia. Guerras civis bizantinas, migrações, assentamentos turcomanos, alianças e formação de principados produziram transformação gradual. Seljúcidas de Rum estabeleceram corte e cidades na Anatólia central.

Comunidades gregas, armênias, siríacas, turcas e outras continuaram. Mudanças linguísticas e religiosas levaram séculos. Mesquitas, igrejas, caravanserás e mercados mostram reconfiguração, não substituição demográfica simples.

6.3 Zênguidas e a política da jihad

Zengi e Nur al-Din expandiram poder em Mosul, Alepo e Damasco durante o século XII. A linguagem da jihad ganhou centralidade na legitimação contra estados latinos, mas também serviu a projetos de unificação regional. Patronagem de madraças, justiça e obras urbanas apresentava o governante como defensor da comunidade.

Crônicas próximas às cortes amplificam coerência que a prática nem sempre possuía. Rivalidades familiares, pactos e autonomia urbana limitavam programas. A ideologia importava porque organizava recursos e memória, não porque apagava interesses políticos.

6.4 Saladino e a confederação ayyúbida

Saladino encerrou o califado fatímida em 1171, governou Egito e ampliou domínio sobre Síria e regiões vizinhas. Sua vitória em Hattin, em 1187, permitiu recuperar Jerusalém. A imagem posterior de herói unificador deve ser comparada com décadas de negociação, guerra entre poderes muçulmanos e dependência de parentes e comandantes.

Após sua morte, territórios foram distribuídos entre membros ayyúbidas. A família funcionava como confederação competitiva. Príncipes cooperavam e guerreavam, enquanto cidades e fortalezas sustentavam seus próprios interesses. Diplomacia com poderes latinos continuou mesmo em períodos de cruzada.

6.5 Mamelucos e um sultanato militar

No Egito, militares de condição servil formados para serviço de elite tornaram-se núcleo do poder. Em 1250, comandantes mamelucos estabeleceram sultanato. Sua origem não significa que formavam grupo sem agência, mas o sistema dependia de compra, conversão, treinamento, patronagem e lealdades entre mestres e companheiros.

Em 1260, mamelucos derrotaram uma força mongol em Ayn Jalut e depois consolidaram Síria. A vitória não encerrou a ameaça nem foi choque isolado de civilizações. Diplomacia, rivalidades mongóis, logística e campanhas posteriores definiram a fronteira. O sultanato administrou cidades, impostos, fundações e rotas do mar Vermelho.

6.6 Comércio, cativo e mobilidade

Portos como Alexandria, Acre e Ayas conectavam mercadores mediterrânicos a rotas interiores. Tratados concediam bairros, tarifas e proteção. Veneza, Gênova, Pisa e outros atores competiam; comerciantes locais e diásporas traduziam normas. A cooperação econômica podia coexistir com guerra.

Escravidão e cativo foram estruturais. Pessoas eram deslocadas por guerra, comércio e tributação, servindo em casas, oficinas, campos, exércitos e cortes. Categorias jurídicas, gênero, origem e possibilidade de manumissão produziam experiências diferentes, sem eliminar coerção.

Formação	Centro principal	Recurso político	Relações	Cuidado analítico
Grandes Seljúcidas	Irã e Iraque	Sultanato, vizires, iqta, exército	Califado, principados, Ásia Central	Não imaginar unidade após sucessões
Seljúcidas de Rum	Anatólia	Cidades, caravançarás, corte persianizada	Bizâncio, armênios, turcomanos	Manzikert não foi conquista instantânea
Ayyúbidas	Cairo, Damasco e rede familiar	Parentesco dinástico, fortalezas, receita egípcia	Latinos, zênguidas, cidades	Unidade variava entre príncipes
Mamelucos	Cairo	Corporação militar, patronagem, fiscalidade	Mongóis, Levante, mar Vermelho	Origem servil não elimina agência nem coerção

Leituras-base do capítulo: Carole Hillenbrand, *Turkish Myth and Muslim Symbol* e *The Crusades: Islamic Perspectives*; Anne-Marie Eddé, *Saladin*; Michael Chamberlain, *Knowledge and Social Practice in Medieval Damascus*; Reuven Amitai, *Mongols and Mamluks*; Robert Irwin, *The Middle East in the Middle Ages*.

7. Bizâncio, cruzadas e formações latinas

7.1 Bizâncio após Basílio II

O Império Romano oriental entrou no século XI com territórios ampliados, receita e prestígio, mas sucessões, conflitos aristocráticos e pressões fronteiriças alteraram sua capacidade militar. Normandos avançaram no sul da Itália; pechenegues e outros grupos pressionaram os Bálcãs; seljúcidas penetraram na Anatólia. Essas mudanças não decorreram de uma única “decadência”.

Alexios I Komnenos, a partir de 1081, reconstruiu alianças, finanças e forças militares por redes familiares e concessões. O governo Komneno foi eficiente em certos contextos e dependente de aristocracias. Bizâncio continuou império urbano, diplomático e religioso, adaptado a território menor.

7.2 A Primeira Cruzada e os objetivos divergentes

O chamado de Urbano II em 1095 reuniu voto religioso, promessa de indulgência, peregrinação armada, expectativas aristocráticas e projetos papais. Contingentes atravessaram Bizâncio; Alexios buscava recuperar territórios e exigiu juramentos. Cruzados pretendiam alcançar Jerusalém e estabeleceram principados próprios. Cooperação inicial continha desconfianças.

A conquista de Jerusalém em 1099 envolveu violência contra habitantes muçulmanos e judeus. O estudo deve reconhecer o acontecimento sem reproduzir imagens sensacionalistas. Narrativas latinas, árabes, armênias, siríacas e gregas constroem memórias diferentes e exigem comparação.

7.3 Estados latinos e sociedades locais

Jerusalém, Antioquia, Trípoli e Edessa foram formações políticas enraizadas no Levante. Elites latinas governaram populações cristãs orientais, muçulmanas e judaicas por senhores, cidades, igrejas, tribunais e pactos. Imigrantes europeus eram minoria em muitas áreas. Castelos tiveram função militar, fiscal e simbólica, mas não controlavam automaticamente todo o campo.

Relações locais incluíam comércio, serviço, tradução e acordos. Reconhecer convivência não deve romantizar igualdade. Hierarquias religiosas, impostos, guerra e acesso desigual ao poder estruturavam a sociedade.

7.4 A Quarta Cruzada e 1204

A Quarta Cruzada foi desviada por dívidas, decisões venezianas, disputas dinásticas bizantinas e objetivos cruzados. Constantinopla foi tomada e saqueada em 1204; um Império Latino e principados surgiram, enquanto elites romanas organizaram estados em Niceia, Epiro e Trebizonda. A ruptura aprofundou antagonismos entre cristãos latinos e gregos.

Explicar 1204 apenas por “ódio religioso” é insuficiente; tratá-lo apenas como acidente financeiro também é. Contratos, rivalidades, ideologia e oportunidades convergiram. Objetos deslocados e igrejas apropriadas materializaram a conquista.

7.5 Restauração e limites após 1261

Niceia reconquistou Constantinopla em 1261 sob Miguel VIII Paleólogo. A restauração recuperou capital e título, mas não a geografia anterior. Poderes latinos, sérvios, búlgaros, turcos e mongóis condicionavam o império. Recursos foram direcionados a diplomacia, fortificações e disputas de legitimidade.

Unões e conflitos eclesiásticos mostraram que imperadores não controlavam facilmente comunidades religiosas. Constantinopla continuou centro simbólico e comercial, embora Gênova e Veneza obtivessem posições importantes.

7.6 Cruzadas além do Levante

O modelo cruzado foi aplicado na Península Ibérica, Báltico e conflitos internos da cristandade latina. Papas concediam benefícios espirituais e organizavam arrecadação, enquanto reis, ordens militares e nobres perseguiam objetivos próprios. “Cruzadas” constituíram família de instituições, não guerra contínua única.

A expansão latina coincidiu com comércio, colonização e formação estatal. Populações submetidas enfrentaram conversão, tributo, deslocamento ou incorporação desigual. A crítica histórica distingue discursos de missão das práticas sociais.

Cuidado de linguagem: “Cristãos contra muçulmanos” não descreve toda a política do Mediterrâneo. Havia múltiplas igrejas, estados islâmicos rivais, alianças transversais e conflitos dentro de cada comunidade.

Leituras-base do capítulo: Anthony Kaldellis, *The New Roman Empire*; Jonathan Harris, *Byzantium and the Crusades*; Paul Magdalino, *The Empire of Manuel I Komnenos*; Christopher Tyerman, *God's War*; Carole Hillenbrand, *The Crusades: Islamic Perspectives*; Christopher MacEvitt, *The Crusades and the Christian World of the East*.

8. Ásia interior antes e durante a expansão mongol

8.1 Corredores entre estepes, oásis e montanhas

Ásia interior não era vazia entre civilizações sedentárias. Pastores, agricultores de oásis, comerciantes, monges e cidades articulavam Mongólia, Tarim, Transoxiana, Irã, Tibete e norte da China. Estados controlavam recursos complementares: cavalos, rebanhos, grãos, tecidos, metais e passagens. Mobilidade era tecnologia econômica e política.

Confederações não eram menos organizadas por dependerem de seguidores e redistribuição. O desafio era manter alianças em grandes distâncias e converter vitória em receita. Cidades forneciam artesãos e escribas; estepes ofereciam montarias e espaço de mobilização.

8.2 Qarakhanidas e islamização regional

Qarakhanidas governaram partes de Transoxiana e Tarim, combinando tradições turcas e instituições islâmicas. Cidades como Kashgar e Balasagun ligavam rotas e produção agrícola. A conversão de elites ao Islã ocorreu antes do ano 1000, mas a islamização regional foi gradual e coexistiu com outras religiões.

Textos como o Kutadgu Bilig apresentam ética de governo em língua turca, dialogando com repertórios persas e islâmicos. A obra mostra tradução intelectual, não abandono simples de identidades anteriores.

8.3 Qara Khitai e Khwarazm

Após a queda Liao, grupos khitan migraram para oeste e formaram Qara Khitai no século XII. Governaram cidades e principados por tributos e intermediários, mantendo repertórios imperiais próprios em ambiente majoritariamente muçulmano. Sua existência desafia mapas que separam rigidamente “China” e “mundo islâmico”.

Khwarazmshahs expandiram-se entre Irã e Ásia Central, aproveitando declínio seljúcida e redes urbanas. No início do século XIII, governavam território vasto, mas relações tensas entre corte, elites regionais e fronteiras dificultavam resposta coordenada aos mongóis.

8.4 Tibete e poderes himalaicos

Depois da fragmentação do antigo império tibetano, mosteiros, linhagens e principados organizaram autoridade regional. O chamado “renascimento budista” dos séculos X a XII envolveu traduções, viagens de mestres e patronagem de elites. Nenhum centro controlava todo o planalto.

Relações posteriores com governantes mongóis foram construídas por patronagem religiosa e poder político. Fórmulas como “sacerdote e patrono” resumem relações que variaram conforme linhagem, governante e território. Mongóis não apenas adotaram budismo; selecionaram especialistas para legitimar e administrar.

8.5 Cidades, línguas e religiões

Sogdiano perdeu parte da antiga centralidade, enquanto persa e línguas turcas ampliaram usos; chinês, tangute, tibetano, uigur e mongol circulavam em diferentes ambientes. Escritas eram instrumentos diplomáticos. Uígyres forneceram escribas e um modelo de escrita adaptado pelos mongóis.

Budismo, Islã, cristianismos orientais, maniqueísmo e cultos locais coexistiram. Tolerância não era direito universal: governantes patrocinavam comunidades conforme utilidade, convicção e alianças, podendo alterar privilégios.

8.6 A crise de 1218-1221

O conflito entre o império mongol e Khwarazm começou após ruptura de relações comerciais e diplomáticas em Otrar. Chinggis Khan conduziu campanhas que derrubaram o Estado khwarazmiano e atingiram cidades da Transoxiana e do Irã. Fontes muçulmanas registram trauma e números elevados; arqueologia e crítica textual ajudam a distinguir destruição, abandono, recuperação e retórica.

Mongóis incorporaram administradores, artesãos e tropas. A conquista foi violenta e também institucional: redistribuiu pessoas, impostos e rotas. As duas dimensões precisam permanecer juntas.

Formação	Base territorial	Governo	Conexões	Transformação
Qarakhanidas	Oásis e Transoxiana	Dinastias turcas, cidades, Islã	Irã, Tarim, estepes	Fragmentação e incorporação regional
Qara Khitai	Semirechye e cidades tributárias	Hegemonia khitan por intermediários	China setentrional, Ásia Central, Islã	Derrota por forças ligadas a Küchlüg e mongóis
Khwarazm	Delta do Amu Darya, Irã e Transoxiana	Corte, governadores, exército e cidades	Califado, rotas persas, estepes	Colapso sob invasão mongol
Tibete regional	Planalto e vales	Mosteiros, linhagens e principados	Nepal, Índia, Tangute, Mongólia	Patronagem com poderes mongóis

Leituras-base do capítulo: Michal Biran, *The Empire of the Qara Khitai in Eurasian History*; Peter B. Golden, *Central Asia in World History*; David Christian, *A History of Russia, Central Asia and Mongolia*; Christopher I. Beckwith, *Empires of the Silk Road*; Matthew T. Kapstein, *The Tibetans*.

9. Índia: Cholas, poderes regionais e Sultanato de Delhi

9.1 Um subcontinente de soberanias concorrentes

Entre 1000 e 1300, nenhum Estado governou continuamente todo o subcontinente indiano. Cholas e Chalukyas ocidentais competiram no sul; Palas, Senas, Chandelas, Paramaras, Chauhans e outros poderes controlaram regiões; dinastias do Decão reorganizaram-se; Gúridas avançaram pelo noroeste; e o Sultanato de Delhi consolidou-se no século XIII. Títulos universais coexistiam com comando territorial variável.

Inscrições régias tendem a enumerar vitórias e ancestrais. Mapas modernos que somam todas as campanhas podem exagerar domínio. É necessário distinguir núcleo fiscal, vassalagem, expedição, doação religiosa e influência cultural.

9.2 Cholas, templos e administração local

Rajaraja I e Rajendra I ampliaram poder chola a partir do vale do Kaveri. Campanhas alcançaram Sri Lanka, costa oriental e, em 1025, centros ligados a Srivijaya. Tanjavur e Gangaikondacholapuram materializaram vitória e devoção. Templos recebiam terra, objetos, animais e receitas, empregando sacerdotes, dançarinas, músicos, artesãos e administradores.

Inscrições registram assembleias locais, impostos e doações. Isso não prova autonomia camponesa plena nem administração central uniforme. Corporações e elites rurais negociavam com a corte, enquanto trabalhadores e grupos subordinados aparecem de modo desigual no arquivo.

9.3 Guerra marítima e redes mercantis

As expedições cholas demonstram capacidade naval e interesse em rotas, mas não criaram um império territorial contínuo sobre o Sudeste Asiático. Ataques a portos podiam buscar prestígio, tributo, proteção de mercadores e reposicionamento diplomático. Depois das campanhas, comércio e relações religiosas continuaram.

Associações mercantis do Sul da Índia, conhecidas por inscrições em várias regiões, organizavam doações, crédito e proteção. Elas não eram companhias coloniais modernas. Dependiam de cortes, templos, comunidades locais e monções.

9.4 Transformações no norte e as conquistas gúridas

Ghaznávidas realizaram campanhas no noroeste e norte da Índia desde o século XI, combinando receita, política centro-asiática e legitimação religiosa. A famosa incursão de Mahmud a Somnath foi lembrada por tradições posteriores com sentidos conflitantes. Um episódio não resume séculos de relações entre muçulmanos e comunidades indianas.

No final do século XII, Gúridas estabeleceram posições no norte. A vitória de Muhammad de Ghor em Tarain, em 1192, favoreceu expansão de seus comandantes. Conquista militar não produziu controle imediato de todo o campo; fortalezas, cidades, alianças e administrações regionais foram construídas gradualmente.

9.5 O Sultanato de Delhi

Após a morte de Muhammad de Ghor, Qutb al-Din Aibak e sucessores formaram o Sultanato de Delhi. Dinastias mameluca e Khalji governaram no século XIII. A corte usava persa, repertórios islâmicos, contingentes de origem centro-asiática e instituições adaptadas ao ambiente indiano. Iqta financiava comandantes e administração, mas variava na prática.

O sultanato dependia de arrecadadores, chefes locais, camponeses, mercadores e especialistas religiosos. Mesquitas e monumentos afirmavam nova soberania; materiais e artesãos locais participavam da construção. A interação produziu conflito e apropriação, sem fusão cultural instantânea.

9.6 Religião, casta, gênero e trabalho

Tradições shaivas, vaishnavas, shaktas, jainas e budistas estruturavam instituições e comunidades. Movimentos devocionais em línguas regionais ampliaram repertórios, embora patronagem e hierarquias permanecessem. Sufis estabeleceram redes no norte; relações entre khanqahs, cortes e populações variavam.

Categorias de casta foram negociadas regionalmente por ocupação, linhagem, ritual e poder. Mulheres aparecem como doadoras, trabalhadoras, figuras de corte e membros de famílias, mas normas patriarcais limitavam acesso e representação. Templos e palácios dependiam de trabalho especializado e compulsório que a arte monumental pode ocultar.

Formação	Núcleo	Recurso político	Conexões	Limite do mapa
Cholas	Vale do Kaveri e costa tâmil	Receita agrária, templos, exército e frota	Sri Lanka, baía de Bengala, Srivijaya	Campanha naval não equivale a província
Chalukyas e sucessores	Decão	Fortalezas, terras, vassalos, templos	Sul, costa ocidental, interior	Títulos excedem comando direto
Gúridas	Afeganistão e norte indiano	Cavalaria, comandantes, cidades	Irã, Ásia Central, planície gangética	Conquista exigiu consolidação posterior
Sultanato de Delhi	Delhi e territórios variáveis	Sultanato, iqta, guarnições, persa administrativo	Ásia Central e redes indianas	Fronteiras mudaram por reinado

Leituras-base do capítulo: Upinder Singh, *A History of Ancient and Early Medieval India*; Noboru Karashima, *A Concise History of South India*; Burton Stein, *Peasant State and Society in Medieval South India*; Kesavan Veluthat, *The Political Structure of Early Medieval South India*; Richard M. Eaton, *India in the Persianate Age*; Peter Jackson, *The Delhi Sultanate*.

10. Sudeste Asiático: Angkor, Pagan, Đại Việt e redes marítimas

10.1 Estados agrários e portuários

O Sudeste Asiático reunia deltas, planícies de arroz, florestas, planaltos, ilhas e estreitos. Angkor e Pagan mobilizavam agricultura e monumentos; Đại Việt consolidava administração no delta do rio Vermelho; Champa articulava vales e portos; Srivijaya influenciava estreitos e redes budistas; Java possuía centros agrários e marítimos. Nenhum modelo único de “Estado indianizado” explica essa diversidade.

Sânscrito, pali, budismo e tradições hindus forneceram linguagens cosmopolitas, mas elites locais as traduziram. Inscrições bilíngues e cultos regionais demonstram apropriação, não colonização indiana.

10.2 Angkor e a paisagem hidráulica

O Império Khmer organizou sucessivas capitais em Angkor. Reis construíram templos, reservatórios, canais, estradas e santuários ligados a ancestrais e deuses. Angkor Wat, erguido no século XII sob Suryavarman II, combinou culto, cosmologia e afirmação régia. Angkor Thom e o Bayon, associados a Jayavarman VII, reorganizaram a paisagem no final do século XII e início do XIII.

Pesquisas arqueológicas mostram ocupação dispersa e infraestrutura extensa. Não é seguro imaginar cada reservatório como simples tanque estatal de irrigação; funções rituais, urbanas e hidráulicas podiam coexistir. A capacidade de mobilizar trabalho não eliminava aldeias e autoridades locais.

10.3 Pagan e o vale do Irrawaddy

Pagan tornou-se centro dominante no atual Myanmar entre os séculos XI e XIII. Reis e elites patrocinaram milhares de monumentos budistas e concederam terras a instituições religiosas. Irrigação e agricultura sustentavam a planície seca, enquanto rotas ligavam o vale a baía de Bengala, Yunnan e península.

Doações ampliaram riqueza monástica, criando debates sobre receita disponível ao rei. A queda política no final do século XIII não pode ser atribuída apenas às invasões mongóis. Mudanças fiscais, centros regionais e limites de integração também importaram.

10.4 Đại Việt, Champa e fronteiras móveis

Dinastias Lý e Trần governaram Đại Việt com capital em Thăng Long. Administração, budismo, cultos locais e modelos chineses foram selecionados para legitimar a corte. Relações com Song incluíam guerra, embaixadas e comércio. A fronteira setentrional era negociada por postos e chefias, não uma linha nacional moderna.

Ao sul, Champa era conjunto de centros regionais ligados por língua, culto e redes marítimas, não necessariamente reino centralizado contínuo. Guerras entre Đại Việt, Khmer e formações cham eram intercaladas por alianças, casamentos e trocas.

10.5 Srivijaya, Java e os estreitos

Srivijaya manteve prestígio e posições marítimas após 1000, embora as campanhas cholas de 1025 e mudanças regionais alterassem seu alcance. Controle de estreito significava influenciar portos, pilotos e tributos, não cercar o mar como território. Centros malaio e javaneses competiam e cooperavam.

No século XIII, Singhasari expandiu influência em Java e além; Majapahit começou em 1293, já na transição para o próximo volume. Inscrições e textos cortesãos posteriores devem ser controlados por arqueologia antes de projetar uma hegemonia uniforme.

10.6 Religiões, trabalho e circulação

Budismos theravada e mahayana, cultos de Shiva e Vishnu, tradições ancestrais e espíritos locais coexistiam. Reis patrocinavam várias instituições. A adoção crescente do theravada em partes do continente não foi evento único nem simples substituição decretada.

Portos reuniam malaio, tâmeis, chineses, árabes, persas e outros comerciantes. Cerâmica, metais, tecidos, aromáticos e alimentos circulavam. Construção de templos e sistemas hidráulicos exigia agricultores, transportadores e artesãos; inscrições celebram doadores mais do que trabalhadores.

Regra cartográfica: Um porto que envia tributo ou recebe título não é automaticamente província. Para mapear mandalas e hegemonias marítimas, use graus de relação: núcleo, dependência provável, aliança e contato.

Leituras-base do capítulo: Kenneth R. Hall, *A History of Early Southeast Asia*; Victor Lieberman, *Strange Parallels*, volume 1; Charles Higham, *The Civilization of Angkor*; Michael Aung-Thwin, *Pagan*; Keith W. Taylor, *A History of the Vietnamese*; Pierre-Yves Manguin, A. Mani e Geoff Wade, *Early Interactions between South and Southeast Asia*.

11. Goryeo e Kamakura: Coreia e Japão em transformação

11.1 Goryeo em um sistema de vários impérios

Goryeo, fundado em 918, reunificou grande parte da península Coreana e governou até 1392. Entre 1000 e 1300, coexistiu com Song, Liao, Jin e Mongóis. A corte adotava título régio, administração letrada e budismo, mantendo linguagem própria de centralidade. Relações tributárias eram diplomacia hierárquica, não prova automática de submissão cotidiana.

Guerras com khitan no início do século XI foram seguidas por acomodação. Depois, Goryeo reconheceu Jin e continuou comércio com Song. A posição peninsular permitia negociar entre potências, embora crises internas limitassem escolhas.

11.2 Aristocracia, exames e budismo

Famílias de elite dominavam cargos por parentesco, terra e educação. Exames existiam, mas não romperam poder aristocrático. Templos recebiam doações e acumulavam recursos; monges serviam como estudiosos, ritualistas e defensores simbólicos do reino. A impressão do cânone budista, incluindo projetos conhecidos como Tripitaka Koreana, ligou religião, Estado e tecnologia.

Cerâmica celadon e metalurgia demonstram oficinas sofisticadas e intercâmbio. Objetos de elite não representam toda a sociedade. Agricultores, artesãos e pessoas de status subordinado sustentavam corte e instituições.

11.3 Governo militar em Goryeo

Em 1170, oficiais militares tomaram o poder e estabeleceram regimes dominados por famílias de comandantes. A monarquia permaneceu como centro de legitimidade, enquanto chefes militares controlavam nomeações e forças. Revoltas camponesas e de grupos subordinados revelam tensões que narrativas de corte minimizam.

A distinção entre “governo civil” e “militar” descreve mudança de coalizões, não substituição completa de instituições. Escribas, administradores e templos continuaram necessários.

11.4 Japão: da corte Heian ao bakufu

No Japão, a corte em Kyoto manteve imperador, aristocracia, rituais e propriedade. Guerreiros provinciais ampliaram poder por administração de terras, serviço e conflitos locais. A guerra Genpei, no final do século XII, levou à predominância de Minamoto no Yoritomo e ao estabelecimento do bakufu em Kamakura.

O novo governo não aboliu a corte. Japão passou a ter centros de autoridade sobrepostos: imperador e aristocracia em Kyoto; regentes e guerreiros em Kamakura; proprietários, administradores e instituições religiosas em províncias. “Feudalismo” pode ajudar na comparação de vínculos e terras, mas não deve impor modelo europeu.

11.5 Terra, guerreiros e comunidades

Propriedades conhecidas como shoen possuíam direitos e imunidades variados. Administradores e guerreiros protegiam e extraíam receita; camponeses negociavam obrigações e enfrentavam coerção. A identidade samurai foi construída gradualmente. Códigos posteriores e imagens modernas não devem ser projetados como ética uniforme do século XII.

Budismo diversificou-se com escolas e movimentos que atendiam cortes, guerreiros e comunidades. Mulheres aristocráticas produziram literatura e administraram relações familiares, mas mudanças patrimoniais tenderam a restringir certas posições ao longo do período.

11.6 Invasões mongóis e resposta regional

Khubilai exigiu submissão de Japão e lançou expedições em 1274 e 1281, com forças e navios mobilizados também na Coreia e China. Defesas japonesas, logística, combate costeiro e tempestades influenciaram o fracasso. A ideia de “vento divino” ganhou força na memória posterior; não substitui análise militar e ambiental.

Goryeo resistiu por décadas às invasões mongóis, transferiu a corte para a ilha de Ganghwa e finalmente entrou em relação dinástica com Yuan. A integração preservou monarquia, mas exigiu tributos, casamentos, tropas e recursos. Colaboração e resistência ocorreram dentro da mesma sociedade.

Formação	Centro simbólico	Governo efetivo	Instituições	Relação externa
Goryeo inicial	Gaegyeong e monarquia	Aristocracias e oficiais	Exames, templos, administração	Liao, Song e Jin
Goryeo militar	Rei preservado	Famílias de comandantes	Exército, escribas, templos	Jin e depois Mongóis
Japão Heian tardio	Imperador e Kyoto	Corte, casas guerreiras, proprietários	Shoen, templos, casas aristocráticas	Comércio regional
Japão Kamakura	Corte em Kyoto	Bakufu e regentes Hojo	Vassalagem guerreira, terra, tribunais	Invasões Yuan

Leituras-base do capítulo: Michael J. Seth, *A Concise History of Korea*; Ki-baik Lee, *A New History of Korea*; Edward J. Shultz, *Generals and Scholars*; William Wayne Farris, *Japan to 1600*; Karl F. Friday, *Samurai, Warfare and the State in Early Medieval Japan*; Jeffrey P. Mass, *The Development of Kamakura Rule*.

12. Áfricas: Sahel, Nilo, Etiópia, suaílis e Grande Zimbábue

12.1 Muitas histórias dentro do continente

Entre 1000 e 1300, África reuniu estados e sociedades conectados por Saara, Nilo, mar Vermelho e oceano Índico, além de extensas redes interiores. Fontes árabes tornam alguns corredores mais visíveis, mas não definem a totalidade. Arqueologia, linguística, tradição oral e história da arte corrigem o olhar externo.

Não existe uma única “África medieval”. Magrebe islâmico, reinos do Sahel, comunidades florestais, Núbia cristã, planalto etíope, bacia do Chade, cidades suaílis e sociedades do sul possuíam cronologias e instituições próprias.

12.2 Wagadu/Gana e a formação de Mali

Autores como al-Bakri descreveram Gana/Wagadu como poder ligado a ouro, comércio e tributação, embora não tenham necessariamente visitado o reino. O núcleo situava-se entre áreas agrícolas e corredores saarianos. Governantes controlavam acesso e relações, não todas as minas de ouro diretamente.

Mudanças ambientais, rotas e disputas contribuíram para recomposição no século XII. A explicação de que Almorávidas “destruíram Gana” em 1076 é debatida e não deve ser afirmada como fato simples. No século XIII, Mali emergiu sob liderança associada a Sundiata. Tradições orais e textos posteriores permitem reconstrução cuidadosa, preservando incertezas sobre eventos e cronologia.

12.3 Kanem, Sahel central e cidades

Kanem desenvolveu-se na região do lago Chade, articulando pastoreio, agricultura e rotas para norte e leste. A dinastia Sefuwa adotou Islã ao longo do período, mas práticas religiosas e estruturas locais persistiram. Cavalos, tributos e controle de corredores sustentavam a corte.

Gao e outras cidades do Níger participavam de comércio e formação política. “Comércio transaariano” não era uma caravana contínua de costa a costa: mercadorias passavam por oásis, mercados e agentes, sujeitos a segurança e negociação.

12.4 Núbia e Etiópia

Makúria e Alódia mantiveram reinos cristãos no Nilo, com igrejas, documentos e relações com Egito islâmico. O baqt continuou como repertório diplomático e comercial, embora termos variassem. Conflitos dinásticos e pressões externas alteraram Makúria no século XIII; sua história não é simples recuo diante do Islã.

No planalto etíope, a dinastia Zagwe associou-se a igrejas escavadas em rocha e patronagem cristã. Em 1270, uma nova dinastia reivindicou descendência salomônica. A genealogia legitimava mudança política, mas não oferece cronologia literal da Antiguidade. Comunidades muçulmanas e rotas do mar Vermelho coexistiam com o reino cristão.

12.5 Cidades suaílis e oceano Índico

Assentamentos da costa oriental cresceram como cidades de língua e cultura suaíli. Agricultura, pesca, artesanato e comércio local sustentavam comunidades que também exportavam ouro, marfim e outros produtos e importavam cerâmica, vidro e tecidos. O Islã urbano ampliou-se gradualmente.

Casas de pedra e mesquitas tornaram-se mais comuns em certos centros, mas a cultura suaíli foi construção africana conectada, não colônia árabe ou persa. Narrativas de origem estrangeira podiam legitimar elites; arqueologia mostra continuidades locais.

12.6 Mapungubwe e Grande Zimbábue

Mapungubwe floresceu no sul da África nos séculos XI a XIII, conectado a agricultura, gado, ouro e rotas para o Índico. Hierarquias espaciais e objetos de prestígio indicam centralização. Grande Zimbábue começou a crescer no século XI e atingiria maior desenvolvimento depois de 1300. Construções de pedra sem argamassa expressavam trabalho e autoridade.

Interpretações coloniais negaram autoria africana, apesar da evidência. A pesquisa contemporânea relaciona sítios a sociedades de língua shona e redes regionais. Cerâmica ou contas importadas provam contato, não governo externo.

Regra anticolonial de método: Quando uma interpretação antiga atribui uma realização africana a estrangeiros sem evidência, compare arqueologia, cronologia e história da própria hipótese. O preconceito também tem história documental.

Região	Formação	Recursos	Conexões	Grau de certeza
Sahel ocidental	Wagadu/Gana e Mali inicial	Agricultura, ouro, tributos, rotas	Magrebe, Níger, zonas florestais	Gana seguro; detalhes da transição debatidos
Sahel central	Kanem e cidades do Chade	Gado, agricultura, cavalos, tributo	Saara central, Nilo, África interior	Dinastia conhecida; alcance variável
Nilo e planalto	Makúria, Alódia, Zagwe, dinastia salomônica inicial	Vale fluvial, terra, igrejas, comércio	Egito, mar Vermelho, interior	Instituições seguras; genealogias debatidas

Região	Formação	Recursos	Conexões	Grau de certeza
Costa e sul	Cidades suaílis, Mapungubwe, Grande Zimbábue inicial	Agricultura, gado, ouro, marfim, portos	Índico e redes interiores	Conexões seguras; centralização varia por sítio

Leituras-base do capítulo: UNESCO, General History of Africa, volume IV; François-Xavier Fauvelle, The Golden Rhinoceros; Michael A. Gomez, African Dominion; Nehemia Levtzion, Ancient Ghana and Mali; Derek A. Welsby, The Medieval Kingdoms of Nubia; Mark Horton e John Middleton, The Swahili; Shadreck Chirikure, Great Zimbabwe.

13. Rotas, cidades, peregrinos e comunidades mercantis

13.1 Redes como cadeias de nós

Rotas não eram linhas contínuas entre dois extremos. Uma carga podia passar por produtores, coletores, transportadores, armazéns, financiadores e revendedores. O itinerário mudava conforme estação, impostos, conflitos e preços. Portos, oásis, pontes, passes e feiras eram instituições mantidas por trabalho e proteção.

Desenhar redes por nós evita imaginar que um mercador saía da China e chegava sozinho ao Mediterrâneo. Alguns viajantes percorriam distâncias extraordinárias, mas o comércio regular dependia sobretudo de segmentos sobrepostos.

13.2 Oceano Índico e monções

Ventos sazonais organizavam calendários entre mar Vermelho, Golfo, costa africana, Índia, Sri Lanka e Sudeste Asiático. Navios variavam em construção, capacidade e tripulação. Pilotos acumulavam conhecimento de ventos, estrelas, correntes e portos. Estados podiam taxar e proteger ancoradouros, mas nenhum dominava o oceano inteiro.

Cerâmica chinesa, tecidos indianos, metais, aromáticos, alimentos e pessoas circulavam. A direção de uma mercadoria não define passividade: consumidores selecionavam usos e estilos; artesãos imitavam e transformavam objetos importados.

13.3 Mediterrâneo e mar Negro

Comerciantes de cidades italianas ampliaram presença no Mediterrâneo oriental e mar Negro por tratados, colônias mercantis e frotas. Bizantinos, muçulmanos, armênios, judeus e cristãos orientais participavam dos mesmos mercados. Privilégios fiscais concedidos a estrangeiros podiam fortalecer a diplomacia e reduzir receitas locais.

Guerra não interrompia todo comércio. Tréguas, licenças e resgates permitiam contatos entre adversários. Ao mesmo tempo, comércio podia financiar campanhas e escravização. “Intercâmbio cultural” precisa incluir relações de poder.

13.4 Saara, Nilo e mar Vermelho

Caravanas atravessavam Saara por rotas dependentes de água, animais, guias e acordos com comunidades. Sal, ouro, tecidos e outros bens mudavam de mãos. Governantes sahelianos taxavam corredores e mercados, enquanto comerciantes muçulmanos estabeleciam bairros e relações locais.

O Nilo ligava Egito, Núbia e regiões interiores; o mar Vermelho conectava portos africanos e árabes a Meca e ao Índico. Peregrinos africanos circularam muito antes de Mansa Musa, cuja famosa viagem pertence ao início do próximo volume. A peregrinação também produzia diplomacia e conhecimento geográfico.

13.5 Rotas terrestres eurasiáticas

Corredores entre China, Mongólia, Tarim, Transoxiana, Irã e mar Negro eram usados antes dos mongóis. Estados cobravam pedágios, protegiam caravanas e disputavam oásis. A unificação mongol do século XIII reduziu algumas barreiras e ampliou circulação oficial em determinados períodos, mas guerras internas e riscos persistiram.

O sistema de estações de revezamento mongol servia prioritariamente a mensageiros e governo. Comerciantes e emissários podiam obter passaportes e proteção. A expressão “Pax Mongolica” é útil apenas se não apagar coerção, diferenças entre canatos e cronologias.

13.6 Diásporas, confiança e direito

Comunidades mercantis construíam confiança por parentesco, religião, contratos, reputação e arbitragem. Cartas da Geniza mostram parcerias e conflitos; inscrições tâmeis registram doações; fontes chinesas descrevem comunidades estrangeiras; documentos latinos formalizam crédito. Nenhum arquivo representa todos os agentes, especialmente marinheiros, carregadores e pessoas escravizadas.

Direitos de estrangeiros dependiam de autoridades locais. Bairros e consulados podiam proteger e separar. Tradução era poder: intérpretes definiam acesso a tribunais e contratos.

Corredor	Nós principais	Agentes	Bens e movimentos	Risco de simplificação
Índico ocidental	Aden, Aydhab, Cairo, Sohar, costa suaili, Gujarat	Marinheiros, comerciantes, governadores, diásporas	Tecidos, cerâmica, ouro, marfim, peregrinos	Imaginar domínio de um único Estado
Baía de Bengala	Coromandel, Sri Lanka, Pagan, estreitos	Guildas, cortes, templos, portos	Tecidos, metais, aromáticos, monges	Confundir expedição com colonização

Corredor	Nós principais	Agentes	Bens e movimentos	Risco de simplificação
Mediterrâneo	Alexandria, Acre, Constantinopla, Veneza, Gênova	Mercadores, notários, marinheiros, autoridades	Grãos, tecidos, metais, crédito, cativos	Separar comércio e guerra por completo
Rotas eurasiáticas	Karakorum, Tarim, Samarcanda, Tabriz, mar Negro	Caravanas, emissários, guias, estações	Cavalos, seda, metais, especialistas	Tratar “Rota da Seda” como estrada única
Saara e Nilo	Sijilmasa, Awdaghust, Gao, Kanem, Cairo	Caravaneiros, comunidades locais, cortes	Sal, ouro, tecidos, livros, peregrinos	Reduzir África a fornecedora de matérias-primas

Leituras-base do capítulo: Janet L. Abu-Lughod, *Before European Hegemony*; K. N. Chaudhuri, *Trade and Civilisation in the Indian Ocean*; Roxani Eleni Margariti, *Aden and the Indian Ocean Trade*; Elizabeth Lambourn, *Abraham's Luggage*; Jessica Goldberg, *Trade and Institutions in the Medieval Mediterranean*; Thomas T. Allsen, *Culture and Conquest in Mongol Eurasia*.

14. Américas: Cahokia, Mesoamérica e Andes

14.1 Comparar sem inventar contato

Não há evidência aceita de conexão regular entre as sociedades americanas deste período e as redes afro-eurasiáticas. A comparação é analítica, não difusionista. Perguntamos como diferentes sociedades mobilizaram trabalho, organizaram paisagens, legitimaram elites e construíram redes sem afirmar origem comum para instituições semelhantes.

Fontes escritas indígenas sobreviventes são desiguais e muitas foram registradas após conquistas posteriores. Arqueologia, iconografia, arquitetura, paleoambiente e tradição oral são fundamentais. Nomes como “tolteca” ou “Chimú” podem reunir identidades e períodos construídos por arqueólogos e cronistas.

14.2 Cahokia e o mundo mississippiano

Cahokia cresceu rapidamente perto da confluência dos rios Mississippi, Missouri e Illinois por volta de 1050. Montículos, praças, casas, paliçadas e alinhamentos revelam planejamento e concentração populacional. Monks Mound serviu como plataforma monumental e centro político-ritual. Milho sustentava densidade, mas caça, coleta e redes fluviais continuaram importantes.

Objetos de regiões distantes mostram conexões americanas. A natureza do governo permanece debatida: “chefatura complexa”, cidade ritual e Estado são modelos com implicações diferentes. Hierarquias e cerimônias podem ser afirmadas com segurança maior do que fronteiras territoriais rígidas.

14.3 Tula, toltecas e memória política

Tula floresceu no centro do México aproximadamente entre os séculos X e XII. Arquitetura, iconografia e produção artesanal indicam centro poderoso. Tradições mexicas posteriores associaram “tolteca” a artesãos e ancestralidade prestigiosa. Essas memórias não fornecem mapa direto de um império tolteca.

Semelhanças entre Tula e Chichén Itzá geraram teorias de conquista em uma ou outra direção. A pesquisa considera comércio, circulação de elites, repertórios compartilhados e cronologias. Domínio político específico permanece debatido.

14.4 Cidades maias após o período Clássico

O abandono ou transformação de centros das terras baixas do sul não encerrou a história maia. Cidades do norte de Yucatán e das terras altas continuaram, enquanto Chichén Itzá, Mayapán e outros centros articularam comércio e poder em momentos diferentes. Populações reorganizaram assentamentos, dinastias e redes.

O termo “colapso maia” deve ser desdobrado: certas cortes e monumentos cessaram; comunidades e línguas permaneceram. Secas tiveram impacto, mas guerra, desigualdade, agricultura e decisões políticas mediaram efeitos.

14.5 Andes: Chimú e formações regionais

Após Wari e Tiwanaku, poderes regionais reorganizaram os Andes. Na costa norte, Chimú estabeleceu centro em Chan Chan e ampliou redes de irrigação, oficinas e autoridade ao longo dos séculos XII e XIII. Arquitetura de adobe e complexos palacianos expressavam administração e linhagem.

Nas terras altas e em outras costas, numerosos senhorios controlavam vales e rebanhos. O Tawantinsuyu inca ainda não existia como império; suas bases regionais pertencem a períodos posteriores. Projetar o mapa inca sobre 1200 apaga a diversidade anterior.

14.6 Trabalho, ritual e paisagens

Montículos, templos, canais e cidades exigiam trabalho coordenado. Tributo podia assumir forma de produtos e serviço. Sem documentos fiscais equivalentes aos de Song, arqueólogos inferem mobilização por padrões de construção, armazenamento, dieta e oficinas. Inferência deve ser marcada como tal.

Ritual não era “decoração” da política. Calendários, ancestrais, paisagens sagradas e cerimônias produziam comunidade e hierarquia. Ao mesmo tempo, pessoas migravam, abandonavam centros e reorganizavam práticas, mostrando limites da autoridade.

Formação	Evidência central	Base material	Conexões	Questão debatida
Cahokia	Montículos, assentamentos, objetos e ambiente	Milho, rios, trabalho coletivo	Redes mississippianas	Forma e alcance do governo
Tula e esfera tolteca	Arquitetura, iconografia, oficinas, tradições posteriores	Agricultura, tributo, artesanato	Mesoamérica central e rotas distantes	Império territorial ou rede de influência
Centros maias pós-clássicos	Cidades, inscrições, cerâmica, ambiente	Agricultura, portos, comércio	Yucatán, terras altas, Caribe	Peso relativo de clima e política
Chimú inicial	Chan Chan, canais, oficinas, padrões funerários	Irrigação, pesca, artesanato, tributo	Vales costeiros e Andes	Cronologia da expansão territorial

Leituras-base do capítulo: Timothy R. Pauketat, Cahokia; George R. Milner, The Cahokia Chiefdom; Richard A. Diehl, The Toltecs; Susan Toby Evans, Ancient Mexico and Central America; David Webster, The Fall of the Ancient Maya; Jeffrey Quilter, The Ancient Central Andes; Michael E. Moseley, The Incas and Their Ancestors.

15. Formação e expansão dos impérios mongóis

15.1 Das confederações a Chinggis Khan

Temujin cresceu em ambiente de alianças, rivalidades e mobilidade na Mongólia. Construiu seguidores por parentesco, companheirismo, redistribuição e vitória. Em 1206, uma assembleia o reconheceu como Chinggis Khan. A unificação não apagou linhagens; reorganizou-as sob uma casa imperial e comandos militares.

A História Secreta dos Mongóis, escrita no século XIII e preservada em transmissão posterior, oferece perspectiva interna valiosa. Ela combina memória, genealogia e legitimação. Fontes persas, chinesas, latinas e árabes observam o império de outros ângulos.

15.2 Organização, disciplina e incorporação

Unidades decimais, guarda imperial, mensageiros e repartição de seguidores facilitaram comando. Mérito e lealdade podiam elevar pessoas fora das antigas elites, mas a família de Chinggis ocupava o topo. Mulheres da casa imperial administravam acampamentos, patrimônios e regências, embora fontes posteriores frequentemente reduzam sua atuação.

Conquistas dependiam de inteligência, cavalos, logística e adaptação. Mongóis recrutaram engenheiros, artesãos, escribas e tropas de sociedades submetidas. A força imperial cresceu pela incorporação; não era exército etnicamente homogêneo.

15.3 Campanhas e violência política

Xi Xia, Jin, Qara Khitai e Khwarazm foram atacados em campanhas sucessivas. Cidades que resistiam podiam sofrer punições severas; rendição e serviço podiam preservar elites e especialistas. O terror funcionava como mensagem política, mas relatos amplificavam números e fórmulas. Reconhecer estratégia não justifica violência nem exige repetir descrições gráficas.

Destruição variou por região e momento. Algumas cidades foram devastadas; outras negociaram e continuaram; várias se recuperaram sob nova administração. O estudo deve separar evento, retórica e trajetória demográfica.

15.4 Sucessão e expansão sob os descendentes

Após 1227, Ögedei tornou-se grande khan e ampliou campanhas contra Jin, Ásia Central, Irã, Rus e Europa central. Exércitos chegaram a Polônia e Hungria em 1241-1242. A retirada relacionou-se a sucessão, estratégia e logística; não há explicação única aceita.

Güyük e Möngke governaram em meio a disputas familiares. Hülegü conquistou Bagdá em 1258 e formou base do Ilcanato; forças mongóis foram contidas por mamelucos em 1260. Khubilai derrotou rivais, estabeleceu Yuan em 1271 e concluiu a conquista de Southern Song em 1279.

15.5 Governo, tributação e especialistas

O império repartiu territórios e rendas entre membros da casa de Chinggis, enquanto grandes khans reivindicavam precedência. Censos, impostos, estações de correio e passaportes serviam à administração. Governantes contrataram oficiais chineses, uigures, muçulmanos, persas, tibetanos e outros. Políticas variaram entre regiões e reinados.

Tolerância religiosa mongol era patronagem plural, não liberdade moderna. Cortes apoiavam budistas, cristãos, muçulmanos, daoístas e xamãs, cobrando preces e serviço. Disputas e mudanças de preferência podiam alterar privilégios.

15.6 Quatro grandes canatos e unidade limitada

No final do século XIII, Yuan, Ilcanato, Canato Chagatai e Horda de Ouro possuíam interesses próprios. Guerras entre parentes demonstram que a “Pax Mongolica” nunca foi paz continental uniforme. Ainda assim, genealogia compartilhada, diplomacia e rotas conectavam cortes.

Artistas, médicos, astrônomos, comerciantes e objetos circularam. Motivos visuais e técnicas viajaram entre China e Irã; conhecimentos foram traduzidos. Muitos movimentos foram forçados, especialmente de artesãos e populações deslocadas. Integração cultural inclui agência e coerção.

Canato c. 1300	Centro e território	Administração	Conexões	Tensão principal
Yuan	Dadu, China, Mongólia e áreas dependentes	Instituições imperiais, categorias populacionais, províncias	Coreia, Tibete, Sudeste Asiático, canatos	Governar maioria sedentária e reivindicar grande canato
Ilcanato	Irã, Iraque e Cáucaso	Administração persa, elites mongóis, receita urbana	Mamelucos, Yuan, Europa, Chagatai	Conversão, sucessão e guerra regional
Horda de Ouro	Estepes pânticas e Rus tributária	Ulus, cidades, tributos, intermediários	Rus, mar Negro, Islã, Europa	Mobilidade da corte e controle indireto
Chagatai	Ásia Central	Patrimônio dinástico, cidades e pastoreio	Yuan, Ilcanato, Transoxiana	Divisão entre ecologias e facções

Síntese do capítulo: Os mongóis não foram apenas destruidores nem simples promotores da globalização. Conquista, deslocamento, administração e intercâmbio formaram um mesmo processo histórico, experimentado de maneira desigual.

Leituras-base do capítulo: David Morgan, *The Mongols*; Timothy May, *The Mongol Empire*; Peter Jackson, *The Mongols and the Islamic World*; Thomas T. Allsen, *Culture and Conquest in Mongol Eurasia*; Michal Biran, *Chinggis Khan*; Anne F. Broadbridge, *Women and the Making of the Mongol Empire*.

16. Comparação final: integração sem ordem mundial única

16.1 Cinco linguagens de universalidade

Song reivindicava mandato e centralidade civilizacional; califas representavam liderança da comunidade muçulmana; imperadores romanos defendiam continuidade de Roma e ortodoxia; reis do Sul e Sudeste Asiático usavam títulos cosmológicos e patronagem religiosa; descendentes de Chinggis reivindicavam direito de governar povos submetidos. Nas Américas, centros políticos vinculavam paisagem, ancestrais e ritual à autoridade.

Essas linguagens eram comparáveis por função, não equivalentes em conteúdo. Todas buscavam transformar diferença em hierarquia. Nenhuma eliminou governantes locais, especialistas religiosos e comunidades.

16.2 Governar por intermediários

Oficiais letrados Song, comandantes de iqta, aristocratas bizantinos, assembleias do Kaveri, chefes portuários, linhagens sahelianas e administradores mongóis convertiam recursos locais em receita. Impérios dependiam de intermediários porque distância e diversidade tornavam impossível comando uniforme.

Intermediários não eram falha administrativa. Eram solução que produzia risco: apropriação de receita, autonomia, rebelião e disputa de informação. Governantes respondiam com rotação, auditoria, reféns, casamentos, títulos e expedições.

16.3 Cidades e campos

Kaifeng, Hangzhou, Cairo, Constantinopla, Delhi, Angkor, Pagan, Kilwa, Cahokia e Chan Chan eram centros de tipos diferentes. Algumas possuíam mercados densos; outras integravam paisagens rituais e administrativas dispersas. Todas dependiam de campos, água, transporte e trabalho.

Monumentos podem dominar memória, mas receita vinha principalmente de agricultura e pessoas. Tributos em produtos, serviço e moeda sustentavam palácios, templos, exércitos e oficinas. Urbanização não significava liberdade em relação ao campo.

16.4 Religião: comunidade, limite e conflito

Religiões forneciam calendários, escrita, juramentos, educação e linguagem de justiça. Mosteiros, madraças, templos e igrejas eram proprietários e empregadores. Peregrinação criava comunidades além de fronteiras. Ao mesmo tempo, ortodoxias e campanhas sacralizadas podiam excluir e perseguir.

Especialistas religiosos limitavam governantes ao afirmar normas superiores. O soberano precisava de legitimidade, mas não controlava completamente a tradição que patrocinava. Conversão política de uma elite não transformava imediatamente a população.

16.5 Fragmentação e transformação

A queda de uma dinastia deve ser decomposta. Liao terminou, mas khitan formaram Qara Khitai; Song perdeu o norte e continuou no sul; Abássidas perderam Bagdá em 1258, mas a autoridade califal foi reconstruída simbolicamente no Cairo; Gana enfraqueceu enquanto novas formações sahelianas emergiram; centros maias mudaram sem desaparecimento dos povos maias.

“Colapso” pode significar fim de corte, perda de território, mudança de receita ou abandono urbano. Raramente significa desaparecimento total de população, cultura e instituições.

16.6 O mundo por volta de 1300

Em 1300, Yuan governava a China e reivindicava primazia mongol; Ilcanato, Horda de Ouro e Chagatai controlavam outras regiões. Mamelucos dominavam Egito e Síria; o califado abássida existia simbolicamente no Cairo; sultanato de Delhi expandia-se; Bizâncio sobrevivia com território reduzido; reinos e cidades do Sudeste Asiático se reorganizavam; Mali emergia no Sahel; Etiópia salomônica iniciava nova fase; cidades suaílis e Grande Zimbábue cresciam. Nas Américas, centros regionais continuavam trajetórias próprias.

O resultado não foi globalização completa. Foi uma malha de conexões intensificadas em algumas regiões e ausentes em outras. Impérios aproximaram sociedades sem produzir governo mundial.

16.7 Síntese obrigatória de uma página

Evidências: arquivos são desiguais e devem ser cruzados com arqueologia, ambiente e tradição oral.

Formação: poderes cresceram por conquista, aliança, migração, patronagem e controle de nós.

Governo: receita agrária, cidades, intermediários, religião e exércitos sustentaram soberania graduada.

Colaboração e resistência: elites locais, comerciantes, religiosos, trabalhadores e comunidades negociaram, serviram, migraram ou se rebelaram. Legado: redes ampliaram circulação, mas também coerção; quedas produziram novas formações. Tese: entre 1000 e 1300, o mundo tornou-se mais conectado em parte da Afro-Eurásia sem se tornar único, enquanto sociedades americanas demonstram a existência simultânea de histórias complexas fora dessas conexões.

16.8 Roteiro de estudo

1. Construa uma linha do tempo com colunas para 1000, 1100, 1200, 1250 e 1300.
2. Compare Song, Sultanato de Delhi e Ilcanato por receita, oficiais, exército e legitimidade.
3. Escolha uma cidade monumental e identifique o trabalho invisibilizado por sua arquitetura.
4. Desenhe uma rota como cadeia de nós, marcando onde a evidência é segura ou inferida.
5. Separe conquista, conversão, mudança de língua e integração econômica em um caso.
6. Explique uma “queda” por território, dinastia, cidade, receita e população.
7. Compare uma formação americana e uma afro-eurasiática sem pressupor contato.
8. Ao publicar um texto, apresente pelo menos uma controvérsia historiográfica real.

Tese do volume: Entre 1000 e 1300, impérios e redes multiplicaram centros de poder. A expansão mongol conectou grande parte da Eurásia em nova escala, mas sua unidade permaneceu dinástica, negociada e desigual; nenhuma ordem abrangeu toda a humanidade.

Leituras-base do capítulo: Janet L. Abu-Lughod, *Before European Hegemony*; Valerie Hansen, *The Year 1000*; Timothy May, *The Mongol Empire*; Michael Cook, *A History of the Muslim World*; Dieter Kuhn, *The Age of Confucian Rule*; UNESCO, *General History of Africa*, volume IV; Jane Burbank e Frederick Cooper, *Empires in World History*.

Apêndice A. Cronologia analítica

Como ler a cronologia

As linhas sincronizam acontecimentos, mas não afirmam causalidade automática. Uma reforma Song e uma mudança no Sahel podem ocorrer na mesma década sem relação direta. Datas de coroações e tratados são geralmente seguras; processos como islamização, urbanização, expansão agrícola e formação de Mali possuem limites aproximados. A coluna americana preserva uma história paralela sem inventar contato com Afro-Eurásia.

Data	Leste e Ásia interior	Mundo islâmico e Mediterrâneo	Sul e Sudeste Asiático	África	Américas
c. 1000	Song e Liao coexistem; Goryeo consolidado	Abássidas sob Búidas; Fatímidas no Cairo; Bizâncio expande	Cholas e Chalukyas competem; Angkor e Srivijaya ativos	Wagadu/Gana, reinos núbios e cidades suaílis	Tula, cidades maias, Andes regionais; Cahokia cresce
1005	Tratado de Shanyuan entre Song e Liao	Bizâncio sob Basílio II	Rajaraja I governa Cholas	Rotas saarianas conectam Magrebe e Sahel	Redes regionais mesoamericanas e andinas
1010	Song amplia administração civil	Califados rivais coexistem	Templo Brihadisvara concluído em Thanjavur	Makúria e Alódia mantêm instituições cristãs	Centros maias pós-clássicos ativos
1018	Goryeo repele campanha khitan	Bizâncio derrota Bulgária e amplia Bálcãs	Rajendra I sucede Rajaraja	Kanem em formação documentada por fontes posteriores	Cahokia anterior ao auge urbano
1025	Song-Liao em paz armada	Fatímidas enfrentam desafios regionais	Expedição chola atinge centros de Srivijaya	Portos do Índico africano ampliam contatos	Tula em fase de desenvolvimento
1038	Xi Xia proclama dinastia	Seljúcidas ascendem no Irã	Pagan e Angkor consolidam centros	Comércio transaariano permanece ativo	Sociedades mississippianas regionais
1040	Song debate fronteiras e finanças	Seljúcidas vencem em Dandanaqan	Cholas mantêm influência marítima	Gana conhecido por redes mercantis	Redes toltecas e maias interagem

Data	Leste e Ásia interior	Mundo islâmico e Mediterrâneo	Sul e Sudeste Asiático	África	Américas
1054	Song em crescimento econômico	Cisma eclesiástico posterior associa-se a 1054; Seljúcidas avançam	Reinos regionais indianos competem	Zagwe provável no planalto etíope	Andes pós-Wari e pós-Tiwanaku
1055	Liao e Xi Xia equilibram Song	Tughril entra em Bagdá e recebe autoridade	Pagan sob Anawrahta inicia expansão	Autores árabes descrevem rotas africanas	Cahokia aproxima-se da expansão de 1050
c. 1050-1100	População e mercados Song crescem	Sultanatos e cidades multiplicam-se	Theravada ganha patronagem em Pagan	Mapungubwe inicia trajetória regional	Cahokia atinge auge entre c. 1050 e 1150
1069	Reformas de Wang Anshi começam	Seljúcidas controlam Irã e Iraque	Cholas em disputas do Decão	Sahel combina agricultura e caravanas	Monumentos e praças ampliam-se em Cahokia
1071	Song mantém fronteiras setentrionais	Seljúcidas vencem Bizâncio em Manzikert	Comércio do Índico continua	Almorávidas expandem-se no Magrebe e Saara	Tula e Chichén Itzá compartilham repertórios debatidos
1076	Song aplica Novas Políticas	Seljúcidas fragmentam-se por principados	Pagan patrocina budismo e monumentos	Suosta conquista almorávida de Gana é debatida	Cidades maias reorganizam redes
1081	Song enfrenta Xi Xia	Alexios I inicia governo Komneno	Cholas e Chalukyas em guerra	Almorávidas governam áreas magrebina	Cahokia sustenta grande população
1095	Song em economia monetizada	Urbano II convoca Primeira Cruzada	Portos indianos e asiáticos ativos	Rotas do ouro e sal conectam Sahel	Formações americanas seguem redes próprias
1099	Song e estados vizinhos coexistem	Cruzados tomam Jerusalém	Angkor em fase de construção régia	Reinos africanos negociam comércio	Tula floresce; Cahokia monumental
1100-1120	Liao enfraquece; Jin emerge	Estados latinos, Bizâncio e sultanatos coexistem	Angkor Wat começa no século XII	Mapungubwe cresce no sul	Mayapán e outros centros maias ganham importância
1115	Jurchens fundam Jin	Poderes seljúcidas regionais	Goryeo e Song mantêm intercâmbio	Cidades suaílis ampliam arquitetura de pedra	Cahokia mantém centralidade

Data	Leste e Ásia interior	Mundo islâmico e Mediterrâneo	Sul e Sudeste Asiático	África	Américas
1125	Jin destrói Liao	Zênguidas e outros poderes regionais	Cholas em declínio relativo; Angkor expande	Sahel em recomposição	Tula aproxima-se de transformação
1127	Jin captura Kaifeng; Southern Song inicia	Bizâncio sob Komnenos	Estados indianos regionais continuam	Zagwe e reinos núbios ativos	Centros americanos seguem cronologias próprias
1130-1150	Qara Khitai forma-se na Ásia Central	Zengi reúne Mosul e Alepo	Angkor Wat concluído aproximadamente	Tradições de Gana e Mali sobrepõem-se	Tula perde centralidade; Cahokia muda
1147	Southern Song e Jin em fronteira	Segunda Cruzada; Almôadas conquistam Marrakesh	Pagan e Angkor florescem	Almôadas integram Magrebe e al-Andalus	Redes toltecas transformam-se
1150-1170	Jin governa norte; Song governa sul	Nur al-Din fortalece Síria	Chalukyas e novos poderes do Decão	Grande Zimbábue inicial cresce	Cahokia inicia descentralização gradual
1170	Goryeo entra em governo militar	Fatímidas próximos do fim	Cholas tardios; Angkor sob disputas	Kanem e rotas saarianas ativos	Mayapán expande influência
1171	Song marítimo fortalece-se	Saladino encerra califado fatímida	Comércio do mar Vermelho e Índia continua	Cairo conecta peregrinos e mercados africanos	Andes regionais consolidam centros
1187	Jin e Song coexistem	Saladino vence em Hattin e recupera Jerusalém	Gúridas expandem-se para o norte indiano	Mali em formação nas tradições posteriores	Chimú inicial amplia organização costeira
1192	Kamakura consolida-se no Japão	Terceira Cruzada termina por acordo	Vitória gúrida em Tarain favorece expansão	Cidades suaílis ligam interior e Índico	Cahokia permanece centro regional menor
1204	Mongóis ainda em unificação	Quarta Cruzada toma Constantinopla	Delhi e reinos indianos em transformação	Etiópia Zagwe e Núbia cristã	Chan Chan e Mayapán desenvolvem-se
1206	Temujin reconhecido Chinggis Khan	Califado abássida busca autonomia	Sultanato de Delhi inicia; Angkor sob Jayavarman VII	Mali próximo de consolidação	Mississippianos e Mesoamérica seguem trajetórias próprias

Data	Leste e Ásia interior	Mundo islâmico e Mediterrâneo	Sul e Sudeste Asiático	África	Américas
1211	Mongóis atacam Jin	Ayyúbidas governam Egito e Síria	Delhi consolida administrações	Rotas do Sahel conectam várias formações	Chimú cresce na costa norte andina
1215	Mongóis tomam Zhongdu	Cruzadas continuam em várias frentes	Pagan, Angkor, Đại Việt e Champa coexistem	Mapungubwe no auge	Cahokia perde população, mas mundo mississippiano continua
1218-1221	Mongóis derrotam Khwarazm	Cidades iranianas enfrentam conquista	Sultanato de Delhi expande-se regionalmente	Comércio do mar Vermelho permanece	Nenhuma conexão americana com eventos eurasiáticos
1227	Chinggis morre; Xi Xia cai	Califado e sultanatos coexistem	Reinos indianos e asiáticos independentes	Sundiata associado à formação de Mali nas tradições	Chan Chan centraliza oficinas e irrigação
1234	Mongóis e Song derrotam Jin	Ayyúbidas fragmentados	Goryeo sob pressão mongol	Mali consolida poder no século XIII	Mayapán e centros regionais ativos
1241-1242	Exércitos mongóis entram na Europa central	Papado e reinos latinos reagem	Delhi sob dinastia mameluca	Grande Zimbábue amplia ocupação	Redes americanas continuam independentes
1250	Möngke é grande khan	Mamelucos assumem poder no Egito	Delhi e estados regionais competem	Mali e Kanem ativos	Chimú e Mayapán em crescimento
1258	Hülegü toma Bagdá	Fim do califado abássida em Bagdá	Southern Song mantém resistência	Sahel e Índico conectados	Sem impacto direto comprovado nas Américas
1260	Khubilai e Ariq Böke disputam grande canato	Mamelucos vencem força mongol em Ayn Jalut	Goryeo entra em relação com mongóis	Dinastia salomônica etíope aproxima-se	Cahokia já muito reduzida
1261	Khubilai governa do norte da China	Bizâncio reconquista Constantinopla	Delhi expande-se sob Balban	Estados africanos mantêm redes próprias	Centros americanos reorganizam-se
1270	Yuan prepara conquista Song	Mamelucos consolidam Levante	Sultanato de Delhi; Angkor e Pagan ativos	Dinastia salomônica assume na Etiópia	Chan Chan e Mayapán mantêm centralidade

Data	Leste e Ásia interior	Mundo islâmico e Mediterrâneo	Sul e Sudeste Asiático	África	Américas
1271	Khubilai proclama Yuan	Ilcanato e Horda de Ouro divergem	Mongóis pressionam regiões asiáticas	Mali amplia redes sahelianas	Nenhum contato regular transoceânico comprovado
1274	Yuan lança primeira expedição ao Japão	Mamelucos e Ilcanato em conflito	Coreia fornece recursos à expedição	Portos africanos comerciam no Índico	Estados americanos independentes
1279	Yuan conclui conquista de Southern Song	Canatos mongóis operam autonomamente	Delhi, Angkor e Pagan coexistem	Grande Zimbábue cresce	Chimú expande vales costeiros
1281	Segunda expedição Yuan ao Japão fracassa	Ilcanato busca alianças externas	Goryeo e Japão mobilizados de modos opostos	Comércio saheliano e marítimo continua	Mayapán em rede peninsular
1287	Yuan pressiona Pagan e Đại Việt	Mamelucos reduzem estados latinos	Pagan perde centralidade; Đại Việt resiste	Mali e Kanem consolidados	Formações regionais americanas persistem
1291	Yuan governa China	Acre cai para mamelucos; fim do principal estado latino no Levante	Comércio mediterrânico e asiático continua	Cidades suaílis e Grande Zimbábue conectam rotas	Cahokia não é mais grande centro
1293	Yuan falha em Java	Ilcanato em transição religiosa	Majapahit inicia em Java	Etiópia, Mali e cidades costeiras ativos	Chimú aproxima-se de fase expansiva
c. 1300	Yuan, Horda de Ouro, Chagatai e Ilcanato coexistem	Mamelucos, Bizâncio reduzido e sultanatos	Delhi, Goryeo, Kamakura, Angkor e Majapahit	Mali, Kanem, Etiópia, suaílis e Grande Zimbábue	Mayapán, Chimú e mundo mississippiano coexistem

Apêndice B. Quadros de coexistência

Fotografia 1: c. 1000

O ponto inicial apresenta títulos universais concorrentes. Song, Liao, califados, Bizâncio, Cholas, Angkor, Gana e formações americanas existem ao mesmo tempo, mas não pertencem a um sistema único.

Leste Asiático	Islã e Mediterrâneo	Sul e Sudeste Asiático	África	Américas e nós
Song, Liao, Goryeo, Japão Heian, Đại Cồ Việt	Abássidas, Fatímidas, Omíadas de Córdoba, Bizâncio, Otônidas	Cholas, Chalukyas, Palas, Angkor, Srivijaya, Pagan inicial	Wagadu/Gana, Núbia, Zagwe provável, Kanem inicial, cidades suaílis	Tula, cidades maias, Andes regionais, Cahokia; Kaifeng, Cairo, Constantinopla

Fotografia 2: c. 1050

Song expande mercados, Seljúcidas entram no Irã e Cholas participam do Índico. Cahokia inicia crescimento urbano sem contato comprovado com essas redes.

Leste e estepes	Islã e Europa	Índia e Sudeste	África	Américas e conexões
Song, Liao, Xi Xia, Goryeo	Seljúcidas, Abássidas, Fatímidas, Bizâncio	Cholas, Chalukyas, Pagan, Angkor, Srivijaya	Gana, Núbia, Kanem, Mapungubwe inicial	Cahokia crescente, Tula e maias; rotas do Índico e Saara

Fotografia 3: c. 1100

Jurchens aproximam-se da fundação de Jin; a Primeira Cruzada cria estados latinos; Angkor e Pagan mobilizam grandes paisagens.

Leste Asiático	Mediterrâneo	Sul e Sudeste	África	Américas e cidades
Song, Liao, Xi Xia, Goryeo, Kamakura ainda futuro	Seljúcidas, Fatímidas, Bizâncio, estados latinos	Cholas tardios, Angkor, Pagan, Srivijaya	Gana em transformação, Kanem, Núbia, Zagwe, suaílis	Cahokia no auge, Tula, Chichén Itzá; Kaifeng, Cairo, Angkor

Fotografia 4: c. 1150

Southern Song e Jin dividem a antiga área Song; poderes zênguidas e cruzados competem; estados do Sul e Sudeste Asiático permanecem autônomos.

Leste e Ásia Central	Islã e Bizâncio	Índia e Sudeste	África	Américas e redes
Southern Song, Jin, Xi Xia, Qara Khitai, Goryeo	Zênguidas, Abássidas, Fatímidas, Bizâncio Komneno, latinos	Cholas, reinos do Decão, Angkor, Pagan, Đại Việt	Sahel em recomposição, Kanem, Núbia, Zagwe, Mapungubwe	Cahokia em mudança, Mayapán inicial, Chimú em formação

Fotografia 5: c. 1200

O quadro antecede a expansão mongol externa em grande escala. Khwarazm, Jin, Song, sultanatos e reinos asiáticos possuem estruturas que serão incorporadas ou transformadas.

Leste e estepes	Islã e Mediterrâneo	Índia e Sudeste	África	Américas e nós
Jin, Southern Song, Xi Xia, Goryeo, Kamakura, confederações mongóis	Ayyúbidas, Abássidas, Bizâncio, estados latinos, Khwarazm	Gúridas, Delhi inicial, Angkor, Pagan, Đại Việt, Champa	Mali em formação, Kanem, Núbia, Zagwe, suaílis, Mapungubwe	Mayapán, Chimú, mundo mississippiano; Samarcanda, Delhi, Kíwa

Fotografia 6: c. 1250

O império mongol estende-se por grande parte da Eurásia, mas ainda é governado por ramos familiares e instituições regionais. África e Américas mantêm trajetórias não subordinadas.

Império mongol e Leste	Islã e Europa	Sul e Sudeste	África	Américas e conexões
Möngke, Yuan ainda futuro, Southern Song, Goryeo, Kamakura	Califado abássida, Mamelucos emergentes, Ayyúbidas, Bizâncio de Niceia, latinos	Delhi, reinos do Decão, Angkor, Pagan, Đại Việt	Mali, Kanem, Núbia, Zagwe, cidades suaílis, Grande Zimbábue	Mayapán, Chimú, mississippianos; rotas mongóis e Índico se intensificam

Fotografia 7: c. 1300

A unidade mongol transformou-se em canatos. Yuan domina China; Mamelucos controlam o Levante; Delhi, Mali e novas formações asiáticas e africanas expandem-se.

Canatos e Leste	Mediterrâneo e Islã	Sul e Sudeste	África	Américas e cidades
Yuan, Horda de Ouro, Chagatai, Ilcanato, Goryeo, Kamakura	Mamelucos, Bizâncio, sultanatos anatólicos, poderes latinos residuais	Delhi, Angkor, Đại Việt, Majapahit inicial, estados do Decão	Mali, Kanem, Etiópia salomônica, suaílis, Grande Zimbábue	Mayapán, Chimú, centros mississippianos; Dadu, Cairo, Delhi, Kilwa

Apêndice C. Matrizes comparativas

C.1 Mecanismos de governo

Formação	Centro	Intermediários	Receita	Integração
Song	Imperador, corte e ministérios	Oficiais examinados, elites locais, comandantes	Terra, monopólios, comércio, moeda	Escrita, escolas, leis, transporte e ritos
Sultanatos islâmicos	Sultão, corte e capitais variáveis	Vizires, emires, juristas, beneficiários de iqta	Terra, alfândega, tributos, fundações	Persa ou árabe, Islã, patronagem, cidades
Bizâncio e latinos	Imperador ou príncipe, capital e fortalezas	Aristocratas, bispos, cidades, senhores	Terra, comércio, impostos e serviços	Cristianismos, títulos, diplomacia e direito
Sul e Sudeste Asiático	Corte, templos e capitais monumentais	Chefes, assembleias, sacerdotes, portos	Terra, trabalho, tributo, comércio	Doações, culto, parentesco e títulos
África	Rei ou corte itinerante e cidades	Linhagens, chefes, comerciantes, religiosos	Agricultura, gado, ouro, rotas e produtos	Juramento, ancestralidade, Islã ou cristianismo, mercado
Impérios mongóis	Khan, casa imperial e acampamentos-capitais	Príncipes, darughachi, escribas, elites locais	Censos, tributos, espólio, comércio	Genealogia chinggisida, correio, passaportes, patronagem plural
Formações americanas	Centro ritual, dinastia ou chefia	Linhagens, sacerdotes, chefes e especialistas	Produtos, serviço, agricultura, oficinas	Paisagem sagrada, cerimônia, redistribuição

C.2 Legitimidade e universalidade

Recurso	Leste Asiático	Islã e Mediterrâneo	Sul da Ásia e África	Mongóis e Américas
Genealogia	Casa imperial, clãs e ancestrais	Quraysh, casas dinásticas, santos, aristocracias	Linhagens reais, ancestrais, genealogias salomônicas	Descendência de Chinggis; ancestrais e linhagens americanas
Religião	Mandato, confucianismo, budismo, daoismo	Califado, jihad, ortodoxias cristãs, lei	Templos, budismos, hinduísmos, Islã, cristianismos	Céu Eterno e patronagem plural; paisagens rituais
Vitória	Pacificação, recuperação e defesa	Proteção da comunidade, cruzada, reconquista	Expedição, tributo, proteção de centros	Conquista universal; captura e redistribuição
Justiça	Exames, códigos e assistência	Juristas, tribunais, fundações, leis romanas	Doações, arbitragem, costumes e ordem ritual	Yasa e decretos; decisões de elites e cerimônias
Prosperidade	Grãos, moeda, mercados e obras	Segurança de cidades e peregrinação	Chuva, irrigação, templos, comércio	Rebanhos e rotas; colheita e monumentalidade

C.3 Fronteiras e mobilidade

Tipo	Exemplo	Funcionamento	Agentes	Erro comum
Fronteira diplomática	Song-Liao e Song-Jin	Fortes, mercados, tratados e pagamentos	Oficiais, soldados, comerciantes, migrantes	Desenhar linha nacional estável
Zona de principados	Anatólia e Levante	Castelos, alianças, tributos e mudanças de senhor	Príncipes, comunidades, ordens, intérpretes	Reduzir a dois blocos religiosos
Hegemonia marítima	Cholas, Srivijaya e portos	Expedições, estreitos, títulos e proteção	Marinheiros, guildas, cortes e chefes	Colorir todo o mar como território
Corredor terrestre	Saara e rotas de oásis	Água, guias, pedágios, crédito e animais	Caravaneiros, chefes, cidades e pastores	Imaginar viagem direta sem intermediários
Ulus e mobilidade	Canatos mongóis	Patrimônio dinástico, pastagens, cidades e estações	Príncipes, mensageiros, pastores, oficiais	Confundir mobilidade com ausência de administração
Rede fluvial americana	Mississippi e Cahokia	Rios, assentamentos, cerimônias e troca	Agricultores, remadores, chefes e artesãos	Supor fronteiras iguais às de impérios territoriais

C.4 Rupturas, continuidades e novas formações

Caso	Ruptura	Continuidade	Nova formação	Pergunta correta
Liao-Jin	Dinastia khitan perde núcleo oriental	Pessoas, práticas e elites deslocam-se	Jin e Qara Khitai	Como derrotados reorganizam identidade?
Northern-Southern Song	Kaifeng e norte são perdidos	Corte, exames, economia e escrita	Southern Song em Hangzhou	O que muda quando capital e base fiscal migram?
Abássidas em 1258	Bagdá perde corte califal	Direito, ensino, língua e memória abássida	Califado simbólico no Cairo e sultanatos	Fim de qual instituição?
Bizâncio em 1204	Constantinopla é conquistada	Elites e instituições romanas sobrevivem	Niceia, Epiro, Trebizonda e Império Latino	Conquista da capital encerra o império?
Gana-Mali	Antiga hegemonia saheliana se enfraquece	Rotas, agricultura, ouro e memória	Mali no século XIII	Invasão externa ou recomposição regional?
Pagan	Capital perde centralidade	Budismo, aldeias, língua e centros regionais	Estados posteriores do vale	Qual o peso real das campanhas mongóis?
Song-Yuan	Dinastia Song termina em 1279	Oficiais, cidades e sistemas locais continuam	Yuan governa China e Mongólia	Incorporação é assimilação?
Cahokia	Grande centro perde população	Mundo mississippiano continua	Centros regionais	“Colapso” de cidade equivale a fim cultural?

Apêndice D. Glossário essencial

Ayllu: Categoria andina de comunidade e parentesco com relações territoriais e obrigações coletivas. O termo possui histórias locais e não deve ser tratado como unidade idêntica em todos os Andes.

Bakufu: Governo militar associado ao xogum e seus oficiais. Em Kamakura, coexistiu com corte imperial, aristocracias, proprietários e instituições religiosas.

Baqt: Nome dado a acordos duradouros entre Egito governado por muçulmanos e Makúria cristã. Regulava diplomacia e trocas, mas versões e práticas mudaram ao longo dos séculos.

Califa: Título ligado à liderança da comunidade muçulmana. Entre 1000 e 1300, Abássidas, Fatímidas e memórias omíadas sustentaram reivindicações diferentes; autoridade simbólica e comando territorial não coincidiam necessariamente.

Canato: Domínio governado por um khan. “Canatos mongóis” designa grandes formações da casa de Chinggis, mas não implica fronteiras ou instituições iguais.

Caravançará: Estrutura de hospedagem, armazenamento e proteção em rotas terrestres. Podia ser financiada por governantes ou fundações e fazia parte de uma cadeia de paradas.

Chimú: Formação política da costa norte andina centrada em Chan Chan, desenvolvida após aproximadamente 1000 e expandida sobretudo nos séculos XIII a XV.

Cruzada: Expedição ou campanha autorizada pela Igreja latina e associada a voto e benefícios espirituais. Objetivos, participantes e regiões variaram; nem toda guerra religiosa medieval foi cruzada.

Darughachi: Supervisor ou agente de autoridade mongol enviado a cidades e territórios. Funções incluíam fiscalização, censo, comunicação e controle, variando por região.

Devaraja: Termo usado em debates sobre realeza e culto no Sudeste Asiático, especialmente Khmer. Não significa simplesmente “rei-deus”; inscrições e rituais exigem leitura contextual.

Diwan: Registro, repartição ou conselho administrativo em governos islâmicos. O sentido depende do contexto: finanças, correspondência, exército ou outra função.

Geniza do Cairo: Conjunto documental preservado na sinagoga Ben Ezra e em outros contextos, com cartas, contas e textos religiosos. É fonte central para Mediterrâneo e Índico, mas representa comunidades específicas.

Horda de Ouro: Nome posterior para o domínio dos descendentes de Jochi nas estepes pânticas e regiões associadas. Governava Rus principalmente por tributo e intermediários.

Ilcanato: Canato mongol estabelecido por Hülegü no Irã, Iraque e áreas vizinhas. Combinou elite chinggisida, administração persa e transformações religiosas.

Iqta: Concessão de direitos sobre receitas, frequentemente destinada a serviço militar ou administrativo. Não equivale automaticamente a propriedade feudal nem teve forma única.

Jihad: Esforço no caminho de Deus com sentidos espirituais, jurídicos e militares. Governantes e estudiosos medievais mobilizaram o termo em contextos específicos; não é sinônimo de toda guerra islâmica.

Khan: Título de soberania das estepes. Chinggis Khan e descendentes combinaram título, genealogia e domínio sobre povos diversos.

Khutba: Sermão formal da oração comunitária de sexta-feira. Mencionar um governante podia afirmar reconhecimento político, sem provar controle administrativo completo.

Madrasa: Instituição de ensino associada sobretudo às ciências religiosas islâmicas. Podia ser financiada por fundação e ligada a uma escola jurídica, sem currículo uniforme universal.

Mandala: Modelo historiográfico para poderes do Sul e Sudeste Asiático com centralidade graduada e relações sobrepostas. É ferramenta comparativa, não nome nativo único de todos os estados.

Mameluco: Militar de origem servil treinado e incorporado a redes de patronagem islâmicas. Mamelucos estabeleceram sultanato no Egito em 1250; sua capacidade política coexistia com a coerção do sistema de recrutamento.

Mansa: Título de governantes de Mali. Tornou-se conhecido por fontes árabes e tradições regionais; não deve ser traduzido mecanicamente por “imperador” sem contexto.

Neo-confucianismo: Rótulo moderno para correntes confucianas renovadas nos períodos Song e posteriores. Autores como Zhu Xi integraram ética, cosmologia, educação e ritual em novas sínteses.

Pax Mongolica: Expressão moderna para relativa facilitação de circulação sob governos mongóis. Deve ser usada com cronologia e região, pois guerras entre canatos e coerção nunca desapareceram.

Paiza: Credencial ligada à autoridade mongol que permitia acesso a transporte, proteção e recursos. Uso indevido podia sobrecarregar comunidades e exigiu regulamentação.

Qaghan ou grande khan: Título de precedência superior entre governantes das estepes. Depois de Chinggis, sucessões e guerras civis limitaram a autoridade efetiva do grande khan sobre todos os ramos.

Reconquista: Termo posterior usado para expansões de reinos cristãos na Península Ibérica. Pode impor unidade retrospectiva a campanhas, alianças e intervalos muito diversos.

Samanta: Termo sânscrito de usos variados, associado a subordinados, vizinhos, chefes ou aliados. Não corresponde a uma categoria feudal fixa.

Shoen: Propriedade ou domínio no Japão com direitos fiscais e administrativos específicos. Redes de corte, templos, administradores e guerreiros disputavam sua receita.

Shogun: Título militar concedido pela corte japonesa. Minamoto no Yoritomo tornou-o base de autoridade do bakufu, sem substituir o imperador.

Sultanato: Governo centrado em um sultão. Podia coexistir com califa, juristas, emires, chefes locais e instituições religiosas.

Theravada: Tradição budista vinculada ao cânone pali e a redes monásticas. Sua expansão no Sudeste Asiático foi gradual e combinou patronagem régia, circulação de monges e escolhas locais.

Tianxia: Expressão chinesa geralmente traduzida como “Tudo sob o Céu”. Designava ordem moral e política centrada no soberano, mesmo quando vários impérios reivindicavam centralidade.

Tripitaka Koreana: Conjunto de blocos de impressão do cânone budista produzido em Goryeo. A edição preservada data principalmente do século XIII e relaciona devoção, defesa do reino, conhecimento e tecnologia.

Ulus: Povo, domínio ou patrimônio associado a membros da casa imperial mongol. O significado combinava seguidores, direitos e territórios, não um Estado nacional.

Waqf: Fundação que destinava renda a fins religiosos, educacionais, assistenciais ou familiares conforme um ato jurídico. Protegia continuidade, mas também consolidava patronagem e propriedade.

Yasa: Termo relacionado a ordens e normas atribuídas a Chinggis Khan e sucessores. A ideia de um código secreto e completo preservado sem mudanças é debatida.

Tributação mongol: Expressão descritiva para obrigações impostas por conquistadores mongóis. Não era uma instituição única: convém identificar censo, produto, serviço ou pagamento específico.

Xogunato: Tradução corrente de governo do shogun. Para Kamakura, “bakufu” ajuda a preservar coexistência com a corte e outros centros de poder.

Apêndice E. Laboratório de fontes e atividades

E.1 Ficha universal de análise

Identificação: registre autor ou instituição, língua, suporte, data de produção, data do objeto preservado e local. Se a fonte for cópia posterior, separe acontecimento, composição e manuscrito.

Finalidade: pergunte quem era o público e qual ação o documento pretendia produzir. Um tratado regula; uma inscrição celebra; uma carta negocia; uma crônica explica; um monumento organiza espaço.

Conteúdo: liste pessoas, lugares, títulos, recursos e ações. Marque o que é afirmado diretamente, inferido ou ausente.

Controle: compare com fonte independente de outro gênero e classifique conclusões como seguras, prováveis ou debatidas.

E.2 Memorial Song sobre reforma

Escolha um memorial de Wang Anshi ou de seus críticos em tradução acadêmica. Identifique problema fiscal, proposta, agente executor e grupo afetado. Não classifique previamente um lado como moderno e o outro como reacionário.

Compare argumento com registro local ou estudo quantitativo. Produto: texto de 500 palavras sobre distância entre política formulada e execução.

E.3 Banco prosopográfico de oficiais chineses

No China Biographical Database, selecione dez oficiais Song de uma década. Registre origem, grau, cargo e relações. Visualize uma rede sem concluir que ausência no banco prova isolamento.

Produto: tabela e nota metodológica sobre como os dados foram extraídos de fontes históricas desiguais.

E.4 Tratado de Shanyuan

Compare descrições Song e Liao do acordo de 1005. Liste termos diplomáticos, pagamentos, fronteiras e cerimônias. Pergunte por que a mesma transferência pode ser chamada de presente, tributo ou indenização.

Produto: mapa de fronteira com fortes, mercados e vias, sem linha nacional moderna.

E.5 Documento da Geniza do Cairo

Escolha carta mercantil editada por projeto acadêmico. Identifique remetente, destinatário, mercadoria, crédito, porto e problema. Diferencie a rota citada de uma rota completa inferida.

Produto: biografia de um objeto com três graus de certeza e sem reproduzir tradução extensa.

E.6 Fundação waqf

Analise ato de fundação ou estudo baseado em documento. Separe propriedade, beneficiários, administrador e finalidade. Pergunte como uma doação religiosa também organiza família, cidade e poder.

Compare com doação a templo indiano ou mosteiro cristão sem afirmar equivalência jurídica.

E.7 Selo bizantino

No catálogo de Dumbarton Oaks, escolha selo dos séculos XI-XIII. Registre nome, título, invocação, iconografia, diâmetro e procedência conhecida. Explique o que o objeto prova sobre cargo e o que não prova sobre uma província inteira.

Produto: ficha museológica com link permanente e crédito institucional.

E.8 Crônicas da Primeira Cruzada

Selecione um episódio narrado por autor latino e por autor árabe, armênio, siríaco ou grego. Registre distância temporal, público e explicação causal. Evite reproduzir descrições violentas detalhadas; concentre-se em linguagem, legitimidade e consequência.

Produto: matriz de convergências, contradições e silêncios.

E.9 Inscrição chola

Escolha inscrição de doação em edição responsável. Separe elogio régio, local, terra, imposto, trabalhadores, templo e testemunhas. Não projete todas as vitórias listadas como fronteiras permanentes.

Produto: mapa em camadas de núcleo, campanha, aliança e contato.

E.10 Angkor por arqueologia remota

Compare planta monumental com pesquisa de assentamento ou LiDAR publicada academicamente. Identifique templos, reservatórios, vias, campos e áreas residenciais. Marque funções hidráulicas seguras, prováveis e debatidas.

Produto: legenda que explique por que “cidade” pode incluir ocupação de baixa densidade.

E.11 Cerâmica de Goryeo

Escolha objeto de museu com procedência e data. Analise material, técnica, forma e público provável. Compare com evidência de forno e distribuição para não tratar um exemplar de elite como retrato de toda sociedade.

Produto: roteiro de vídeo de três minutos com créditos e limites.

E.12 Rolo das invasões mongóis do Japão

Analise uma cena do Moko Shurai Ekotoba em reprodução institucional. Registre personagem, inscrições, armas representadas, montagem e história material do rolo. Lembre que a obra foi encomendada para sustentar reivindicações de um guerreiro.

Produto: comentário que diferencie testemunho, autopromoção e restauração posterior.

E.13 Tradição de Sundiata

Compare duas versões publicadas de tradição oral e um estudo arqueológico ou histórico. Identifique episódios, genealogias e temas de legitimidade. Não escolha a versão “verdadeira” sem discutir performance e registro.

Produto: seção para blog intitulada “o que a tradição preserva e o que ela não data”.

E.14 Grande Zimbábue e história da interpretação

Escolha relatório arqueológico e uma interpretação colonial antiga resumida por estudo crítico. Mostre como cronologia, cerâmica e contexto refutam atribuições estrangeiras sem evidência.

Produto: linha do tempo dupla do sítio e das interpretações modernas.

E.15 Cahokia e população

Reúna duas estimativas acadêmicas para população no auge. Registre área, densidade, período e método. Explique por que um intervalo é mais responsável do que um número exato.

Produto: gráfico com faixa de incerteza e nota sobre o que “cidade” significa.

E.16 Tula e Chichén Itzá

Compare cronologia, arquitetura e iconografia. Liste hipóteses de conquista, migração, comércio e repertório compartilhado. Classifique cada uma conforme evidência disponível.

Produto: quadro “semelhança não prova direção”.

E.17 A História Secreta dos Mongóis

Selecione episódio curto em tradução identificada. Pergunte quem fala, qual relação de lealdade é valorizada e como Chinggis é legitimado. Compare com uma fonte persa ou chinesa.

Produto: análise de 600 palavras sem citações extensas.

E.18 Relato de conquista mongol

Compare crônica, arqueologia e história urbana para uma cidade. Separe dano imediato, deslocamento, continuidade e recuperação. Não use números de vítimas sem discutir transmissão e plausibilidade logística.

Produto: cronologia de antes, durante e duas gerações depois.

E.19 Oficina de mapa de redes

Escolha uma mercadoria: cerâmica, tecido, sal, cavalo, ouro ou papel. Registre local de produção, achados, nós, intermediários prováveis e lacunas. Use círculos de confiança: seguro, provável e debatido.

Inclua trabalho: quem produziu, transportou, protegeu, tributou e consumiu?

E.20 Projeto para blog, vídeo ou podcast

Escolha pergunta estreita: Song era um império pacífico? O que fazia um sultão? Por que 1204 transformou Bizâncio? Cholas conquistaram Srivijaya? Como sabemos que Grande Zimbábue foi construído por africanos? O império mongol “globalizou” Eurásia?

Estruture em abertura, problema, três blocos de evidência, controvérsia e conclusão. Use no máximo uma citação curta de fonte primária, com edição e tradução identificadas. Prefira paráfrase autoral.

Para imagens, use acervos com licença explícita, domínio público ou autorização. Crédito deve incluir criador quando conhecido, título, data, instituição, identificador, licença e link.

E.21 Perguntas para avaliação

1. Por que Song deve ser estudado junto com Liao, Xi Xia e Jin?
2. Como califa e sultão podiam coexistir?
3. Por que Manzikert não explica sozinho a transformação da Anatólia?
4. O que distingue cruzada de qualquer guerra religiosa?
5. Como um templo podia ser instituição econômica sem ser apenas empresa?
6. Por que Angkor não deve ser reduzido a seus monumentos?
7. Como comparar Cahokia e uma capital afro-eurasiática sem inventar contato?
8. O que fontes da Geniza revelam e quais grupos deixam menos visíveis?
9. Por que a queda de Gana não pode ser resumida a uma invasão certa em 1076?
10. Como a origem servil dos mamelucos se relacionava a agência e coerção?
11. Que diferenças existem entre ulus, província e reino tributário?

12. Por que “Pax Mongolica” precisa de limites cronológicos e regionais?
13. Compare duas formas de governo por intermediários.
14. Defina “colapso” em pelo menos quatro dimensões.
15. Explique a tese “integração sem ordem mundial única”.

Bibliografia comentada

Sínteses, comparação e método

Abu-Lughod, Janet L. *Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350*. Oxford University Press, 1989. Clássico sobre circuitos inter-regionais no século XIII. Sua linguagem de “sistema mundial” é produtiva, mas não encerra a discussão sobre alcance e integração.

Borgolte, Michael. *World History as the History of Foundations, 3000 BCE to 1500 CE*. Brill, 2019. Compara fundações religiosas e sociais e ajuda a observar instituições duráveis além de dinastias.

Burbank, Jane; Cooper, Frederick. *Empires in World History: Power and the Politics of Difference*. Princeton University Press, 2010. Oferece a noção de “política da diferença” usada ao longo deste volume; deve ser combinada a pesquisas regionais.

Cook, Michael. *A History of the Muslim World: From Its Origins to the Dawn of Modernity*. Princeton University Press, 2024. Síntese ampla, útil para ligar califados, sultanatos e sociedades islâmicas sem reduzir o mundo muçulmano a um único centro.

Hansen, Valerie. *The Year 1000: When Explorers Connected the World—and Globalization Began*. Scribner, 2020. Introdução acessível às conexões por volta do ano 1000. A tese de globalização é deliberadamente forte e precisa ser testada contra limites regionais.

Lieberman, Victor. *Strange Parallels: Southeast Asia in Global Context, c. 800-1830*. Cambridge University Press, 2003-2009, 2 volumes. Comparação de consolidação política e ritmos continentais; importante para evitar que o Sudeste Asiático apareça como periferia passiva.

Wickham, Chris. *Medieval Europe*. Yale University Press, 2016. Síntese clara sobre Europa, adequada para enquadrar diferenças internas e evitar narrativas de progresso inevitável.

Song, Liao, Xi Xia e Jin

Ebrey, Patricia Buckley. *The Cambridge Illustrated History of China*. Cambridge University Press, 2ª edição, 2010. Porta de entrada visual e política, com capítulos úteis para Song e Yuan.

Kuhn, Dieter. *The Age of Confucian Rule: The Song Transformation of China*. Belknap Press, 2009. Síntese temática sobre governo, economia, vida urbana, tecnologia e cultura Song.

Lorge, Peter. *The Reunification of China: Peace through War under the Song Dynasty*. Cambridge University Press, 2015. Reavalia a fundação Song e mostra por que a dinastia não deve ser descrita simplesmente como antimilitar.

- McDermott, Joseph P.; Shiba, Yoshinobu, orgs. *The Cambridge History of China*, volume 5, parte 2: Sung China, 960-1279. Cambridge University Press, 2015. Capítulos de referência sobre economia, sociedade, educação, religião e instituições.
- Smith, Paul Jakov; von Glahn, Richard, orgs. *The Song-Yuan-Ming Transition in Chinese History*. Harvard University Asia Center, 2003. Investiga continuidades e rupturas entre 960 e 1644; especialmente útil contra fronteiras dinásticas rígidas.
- von Glahn, Richard. *The Economic History of China: From Antiquity to the Nineteenth Century*. Cambridge University Press, 2016. Base para fiscalidade, moeda, mercados e produção; permite qualificar a expressão “revolução econômica Song”.
- Standen, Naomi. *Unbounded Loyalty: Frontier Crossings in Liao China*. University of Hawai'i Press, 2007. Estudo essencial de mobilidade e lealdades na fronteira entre Liao e Song.
- Dunnell, Ruth W. *The Great State of White and High: Buddhism and State Formation in Eleventh-Century Xia*. University of Hawai'i Press, 1996. Mostra como Xi Xia combinou construção estatal, patronato budista e escrita própria.
- Franke, Herbert; Twitchett, Denis, orgs. *The Cambridge History of China*, volume 6: Alien Regimes and Border States, 907-1368. Cambridge University Press, 1994. Referência para Liao, Xi Xia, Jin e Yuan; o rótulo “alien” no título deve ser lido criticamente.
- Tao, Jing-shen. *The Jurchen in Twelfth-Century China*. University of Washington Press, 1976. Estudo clássico sobre formação e governo Jin; use junto a trabalhos posteriores sobre identidade e instituições.
- Smith, Paul Jakov. *Taxing Heaven's Storehouse: Horses, Bureaucrats, and the Destruction of the Sichuan Tea Industry, 1074-1224*. Council on East Asian Studies, Harvard University, 1991. Estudo fundamental sobre fiscalidade, cavalos, chá e burocracia Song; mostra como política de fronteira e finanças estavam ligadas.
- Mote, Frederick W. *Imperial China, 900-1800*. Harvard University Press, 1999. Síntese de longa duração especialmente útil para Liao, Song, Xi Xia, Jin e Yuan; deve ser combinada com monografias mais recentes.
- Wittfogel, Karl A.; Feng Chia-sheng. *History of Chinese Society: Liao (907-1125)*. American Philosophical Society, 1949. Obra clássica e documentalmente rica sobre Liao; categorias e interpretações refletem também a historiografia de meados do século XX.

Sultanatos, califas e sociedades islâmicas

- Berkey, Jonathan P. *The Formation of Islam: Religion and Society in the Near East, 600-1800*. Cambridge University Press, 2003. Síntese social de instituições, saber religioso e autoridade, útil para ir além de sucessões políticas.
- Kennedy, Hugh. *The Prophet and the Age of the Caliphates*. Routledge, 4ª edição, 2023. Referência narrativa para a transição abássida e o contexto no qual sultões adquiriram poder.
- Peacock, A. C. S. *The Great Seljuk Empire*. Edinburgh University Press, 2015. Síntese atualizada sobre governo, dinastia, cultura e geografia seljúcida.
- Peacock, A. C. S.; Yıldız, Sara Nur, orgs. *The Seljuks of Anatolia: Court and Society in the Medieval Middle East*. I. B. Tauris, 2013. Coletânea que situa os seljúcidas da Anatólia em redes islâmicas, bizantinas e armênias.
- Mottahedeh, Roy. *Loyalty and Leadership in an Early Islamic Society*. Princeton University Press, 1980. Reconstrói relações de lealdade no Irã e Iraque buyidas; oferece vocabulário para compreender poderes que precederam os seljúcidas.

Makdisi, George. *The Rise of Colleges: Institutions of Learning in Islam and the West*. Edinburgh University Press, 1981. Estudo influente sobre madrasa e transmissão do saber; as comparações com a Europa permanecem debatidas.

Chamberlain, Michael. *Knowledge and Social Practice in Medieval Damascus, 1190-1350*. Cambridge University Press, 1994. Demonstra como educação, famílias e patronato organizavam elites sem burocracia moderna.

Brett, Michael. *The Fatimid Empire*. Edinburgh University Press, 2017. Síntese do califado fatímida e de sua inserção mediterrânea e africana.

Bennison, Amira K. *The Almoravid and Almohad Empires*. Edinburgh University Press, 2016. Referência para Magrebe e al-Andalus, tratando os dois impérios como formações africanas e mediterrâneas.

Kennedy, Hugh. *Caliphate: The History of an Idea*. Basic Books, 2016. História de longa duração do conceito e das instituições califais; útil para distinguir autoridade simbólica, poder político e reinvenções posteriores.

Aiúbidas, mamelucos, cruzadas e Bizâncio

Eddé, Anne-Marie. *Saladin*. Harvard University Press, 2011. Biografia crítica que separa o governante histórico de memórias posteriores.

Hillenbrand, Carole. *The Crusades: Islamic Perspectives*. Edinburgh University Press, 1999. Reúne fontes e interpretações muçulmanas, corrigindo uma historiografia centrada apenas nos cruzados latinos.

Irwin, Robert. *The Middle East in the Middle Ages: The Early Mamluk Sultanate, 1250-1382*. Southern Illinois University Press, 1986. Introdução institucional e política ao primeiro século mameluco.

Amitai, Reuven. *Mongols and Mamluks: The Mamluk-Ilkhanid War, 1260-1281*. Cambridge University Press, 1995. Examina guerra, diplomacia e adaptação militar sem transformar 'Ayn Jalut em explicação única.

Tyerman, Christopher. *God's War: A New History of the Crusades*. Belknap Press, 2006. Síntese extensa sobre ideologia, logística e participantes; deve ser lida com estudos do Mediterrâneo oriental.

MacEvitt, Christopher. *The Crusades and the Christian World of the East: Rough Tolerance*. University of Pennsylvania Press, 2008. Centra cristãos orientais e mostra alianças e tensões que a oposição "cristãos versus muçulmanos" apaga.

Kaldellis, Anthony. *The New Roman Empire: A History of Byzantium*. Oxford University Press, 2023. Síntese recente que leva a sério a identidade romana do império e revisa explicações tradicionais.

Harris, Jonathan. *Byzantium and the Crusades*. Bloomsbury, 3ª edição, 2022. Introdução equilibrada às relações entre romanos orientais e cruzados latinos.

Magdalino, Paul. *The Empire of Manuel I Komnenos, 1143-1180*. Cambridge University Press, 1993. Estudo detalhado do governo, da diplomacia e da imagem imperial no século XII.

Angold, Michael. *The Fourth Crusade: Event and Context*. Routledge, 2003. Situa 1204 em processos políticos mais longos e ajuda a distinguir evento, causa e memória.

Hillenbrand, Carole. *Turkish Myth and Muslim Symbol: The Battle of Manzikert*. Edinburgh University Press, 2007. Estuda a batalha de 1071 e, sobretudo, sua transformação em memória política; excelente exemplo de crítica entre evento e mito nacional.

Mongóis e Ásia interior

- Morgan, David. *The Mongols*. Wiley-Blackwell, 2ª edição, 2007. Introdução clássica e concisa a fontes, conquistas e estados sucessores.
- May, Timothy. *The Mongol Empire*. Edinburgh University Press, 2018. Síntese atualizada sobre expansão, administração, economia e legado.
- Jackson, Peter. *The Mongols and the Islamic World: From Conquest to Conversion*. Yale University Press, 2017. Obra de referência sobre relações mongol-islâmicas, do conflito à formação do Ilcanato.
- Allsen, Thomas T. *Culture and Conquest in Mongol Eurasia*. Cambridge University Press, 2001. Analisa circulação de especialistas, conhecimentos e bens entre China, Irã e outros domínios mongóis.
- Allsen, Thomas T. *Commodity and Exchange in the Mongol Empire*. Cambridge University Press, 1997. Mostra que redistribuição imperial e comércio eram inseparáveis de patronato e poder.
- Biran, Michal. *Chinggis Khan*. Oneworld, 2007. Biografia sintética atenta a memórias diferentes dentro e fora da Mongólia.
- Broadbridge, Anne F. *Women and the Making of the Mongol Empire*. Cambridge University Press, 2018. Recoloca mulheres dinásticas no centro da sucessão, diplomacia e gestão patrimonial.
- Favereau, Marie. *The Horde: How the Mongols Changed the World*. Belknap Press, 2021. Estudo da Horda de Ouro como ordem política durável, não simples resíduo de conquista.
- Biran, Michal. *The Empire of the Qara Khitai in Eurasian History: Between China and the Islamic World*. Cambridge University Press, 2005. Referência central para o Qara Khitai/Western Liao e para conexões institucionais entre Ásia oriental, Central e mundo islâmico.
- Golden, Peter B. *Central Asia in World History*. Oxford University Press, 2011. Síntese de longa duração da Ásia Central, útil para turcos, confederações, rotas e relações com impérios agrários.
- Christian, David. *A History of Russia, Central Asia and Mongolia*. Vol. 1: Inner Eurasia from Prehistory to the Mongol Empire. Blackwell, 1998. Síntese de longa duração para a Eurásia interior; use em conjunto com estudos regionais mais recentes.
- Beckwith, Christopher I. *Empires of the Silk Road: A History of Central Eurasia from the Bronze Age to the Present*. Princeton University Press, 2009. Interpretação ampla da Eurásia Central e de suas formações imperiais; suas teses mais abrangentes devem ser comparadas com bibliografia especializada.
- Kapstein, Matthew T. *The Tibetans*. Blackwell, 2006. Introdução de referência à história, religião e formação política tibetanas, útil para relações entre Tibete, Ásia Central e China.

Sul e Sudeste Asiático

- Singh, Upinder. *A History of Ancient and Early Medieval India*. Pearson, 2008. Síntese apoiada em inscrições, arqueologia e textos; excelente base para aprender a confrontar tipos de fonte.
- Karashima, Noboru. *A Concise History of South India: Issues and Interpretations*. Oxford University Press, 2014. Síntese cuidadosa de Cholas e outras formações do Sul, com atenção a inscrições e história agrária.
- Stein, Burton. *Peasant State and Society in Medieval South India*. Oxford University Press, 1980. Formula o influente modelo do “Estado segmentário”; use-o como hipótese histórica debatida, não como descrição automática.

- Veluthat, Kesavan. *The Political Structure of Early Medieval South India*. Orient Blackswan, 2012. Reavalia poder, templos e relações locais com base em epigrafia.
- Eaton, Richard M. *India in the Persianate Age, 1000-1765*. University of California Press, 2019. Enquadra fronteiras culturais e políticas do norte da Índia sem tratar “hindu” e “muçulmano” como blocos imóveis.
- Jackson, Peter. *The Delhi Sultanate: A Political and Military History*. Cambridge University Press, 1999. Referência para os sultanatos de Délhi e para sua relação com a expansão mongol.
- Hall, Kenneth R. *A History of Early Southeast Asia*. Rowman & Littlefield, 2011. Integra portos, agricultura e estados regionais sem reduzir a região a influências indianas ou chinesas.
- Miksic, John N.; Goh, Geok Yian. *Ancient Southeast Asia*. Routledge, 2017. Síntese arqueológica abrangente para Angkor, Pagan, Champa, Java e redes marítimas.
- Higham, Charles. *The Civilization of Angkor*. University of California Press, 2001. Introdução arqueológica clara; complemente-a com pesquisas recentes sobre urbanismo e água.
- Aung-Thwin, Michael A. *The Mists of Ramanna: The Legend That Was Lower Burma*. University of Hawai'i Press, 2005. Exemplo importante de crítica a tradições historiográficas usadas para explicar a formação de Pagan.
- Taylor, Keith W. *A History of the Vietnamese*. Cambridge University Press, 2013. Síntese de longa duração, útil para Đại Việt, Champa e relações com Song e Yuan.
- Aung-Thwin, Michael A. *Pagan: The Origins of Modern Burma*. University of Hawai'i Press, 1985. Estudo clássico da formação de Pagan, instituições, doações e poder regional; deve ser lido junto à arqueologia e à revisão historiográfica posterior do próprio autor.
- Manguin, Pierre-Yves; Mani, A.; Wade, Geoff, orgs. *Early Interactions between South and Southeast Asia: Reflections on Cross-Cultural Exchange*. ISEAS Publishing, 2011. Coletânea sobre circulação, arqueologia, religião e contatos de longa duração entre Sul e Sudeste Asiático.
- Chaudhuri, K. N. *Trade and Civilisation in the Indian Ocean: An Economic History from the Rise of Islam to 1750*. Cambridge University Press, 1985. Síntese clássica das estruturas marítimas do Índico; útil como quadro de longa duração, com hipóteses a confrontar com pesquisas mais recentes.
- Margariti, Roxani Eleni. *Aden and the Indian Ocean Trade: 150 Years in the Life of a Medieval Arabian Port*. University of North Carolina Press, 2007. Reconstrói Aden por textos da Geniza, fontes árabes, arqueologia e ambiente, conectando porto, Estado e mercados.
- Lambourn, Elizabeth A. *Abraham's Luggage: A Social Life of Things in the Medieval Indian Ocean World*. Cambridge University Press, 2018. Usa documentos da Geniza para reconstruir objetos, mobilidade e vida material nas rotas do Índico.
- Goldberg, Jessica L. *Trade and Institutions in the Medieval Mediterranean: The Geniza Merchants and Their Business World*. Cambridge University Press, 2012. Estudo fundamental das redes comerciais da Geniza, instituições, agentes e gestão de risco no Mediterrâneo islâmico.

Coreia e Japão

- Seth, Michael J. *A Concise History of Korea: From Antiquity to the Present*. 3ª ed. Rowman & Littlefield, 2020. Introdução segura a Goryeo, com atenção a relações regionais e aos usos modernos do passado.

Shultz, Edward J. *Generals and Scholars: Military Rule in Medieval Korea*. University of Hawai'i Press, 2000. Analisa a tomada de poder militar em Goryeo e as instituições que sobreviveram a ela.

Lee, Ki-baik. *A New History of Korea*. Harvard University Press, 1984. Síntese clássica; útil como ponto de partida, mas deve ser atualizada por arqueologia e estudos mais recentes.

Farris, William Wayne. *Japan to 1600: A Social and Economic History*. University of Hawai'i Press, 2009. Corrige narrativas apenas políticas com demografia, agricultura, doença e produção.

Friday, Karl F. *Samurai, Warfare and the State in Early Medieval Japan*. Routledge, 2004. Estudo de instituições guerreiras e de sua relação com corte e províncias.

Mass, Jeffrey P. *Yoritomo and the Founding of the First Bakufu*. Stanford University Press, 1999. Reconstrói a formação do governo de Kamakura e evita projetar um xogunato plenamente desenvolvido desde 1192.

Conlan, Thomas D. *In Little Need of Divine Intervention*. Cornell East Asia Series, 2001. Usa o rolo das invasões mongóis e outros registros para reavaliar a defesa do Japão.

África, Sahel, vale do Nilo e oceano Índico

Niane, D. T., org. *General History of Africa, volume IV: Africa from the Twelfth to the Sixteenth Century*. UNESCO, 1984. Obra coletiva indispensável e de acesso aberto; alguns capítulos refletem o estágio das pesquisas na época e pedem atualização.

Fauvelle, François-Xavier. *The Golden Rhinoceros: Histories of the African Middle Ages*. Princeton University Press, 2018. Ensaios que combinam vestígio, texto e hipótese sem esconder lacunas documentais.

Gomez, Michael A. *African Dominion: A New History of Empire in Early and Medieval West Africa*. Princeton University Press, 2018. Grande síntese sobre Gana, Mali e formações relacionadas, crítica a cronologias excessivamente simples.

Levtzion, Nehemia; Hopkins, J. F. P., orgs. *Corpus of Early Arabic Sources for West African History*. Cambridge University Press, 1981; reimpressão, Markus Wiener, 2000. Reúne traduções fundamentais; cada autor precisa ser localizado por data, gênero e distância geográfica.

McIntosh, Susan Keech, org. *Beyond Chiefdoms: Pathways to Complexity in Africa*. Cambridge University Press, 1999. Ajuda a evitar uma escada universal de evolução estatal.

Welsby, Derek A. *The Medieval Kingdoms of Nubia*. British Museum Press, 2002. Síntese de arqueologia, arquitetura, textos e relações entre Makuria, Alodia e vizinhos.

Horton, Mark; Middleton, John. *The Swahili: The Social Landscape of a Mercantile Society*. Blackwell, 2000. Demonstra a formação africana e costeira da sociedade suaíli.

Chirikure, Shadreck. *Great Zimbabwe: Reclaiming a "Confiscated" Past*. Routledge, 2020. Reúne arqueologia e história da interpretação, essencial para desmontar atribuições coloniais sem evidência.

Insoll, Timothy. *The Archaeology of Islam in Sub-Saharan Africa*. Cambridge University Press, 2003. Compara islamização, materialidade e comércio em diferentes regiões africanas.

Américas entre c. 1000 e 1300

Pauketat, Timothy R. *Cahokia: Ancient America's Great City on the Mississippi*. Penguin, 2009. Introdução acessível ao sítio e a sua escala; confira estimativas populacionais em trabalhos arqueológicos especializados.

- Milner, George R. *The Cahokia Chiefdom: The Archaeology of a Mississippian Society*. Smithsonian Institution Press, 1998. Estudo arqueológico de referência sobre assentamento, população e organização regional.
- Diehl, Richard A. *Tula: The Toltec Capital of Ancient Mexico*. Thames & Hudson, 1983. Síntese arqueológica clássica; interpretações sobre “império tolteca” continuam discutidas.
- Evans, Susan Toby. *Ancient Mexico and Central America: Archaeology and Culture History*. 3ª ed. Thames & Hudson, 2013. Manual amplo para Tula, sociedades pós-clássicas e comparação regional.
- Webster, David. *The Fall of the Ancient Maya: Solving the Mystery of the Maya Collapse*. Thames & Hudson, 2002. Introduz debates sobre transformações maias; o título “queda” deve ser corrigido pela continuidade de cidades e comunidades.
- Quilter, Jeffrey. *The Ancient Central Andes*. Routledge, 2014. Síntese arqueológica para Wari, Chimú e outras formações andinas.
- Moseley, Michael E. *The Incas and Their Ancestors: The Archaeology of Peru*. Edição revista. Thames & Hudson, 2001. Enquadra Chimú e antecedentes andinos em longa duração.

Fontes primárias em edições modernas

- de Rachewiltz, Igor, trad. *The Secret History of the Mongols: A Mongolian Epic Chronicle of the Thirteenth Century*. Brill, 2004. Tradução anotada de uma fonte central, construída para uma audiência dinástica e preservada por transmissão posterior.
- Juvaini, Ata-Malik. *The History of the World-Conqueror*. Tradução de J. A. Boyle. Harvard University Press, 1958. Crônica persa escrita por um servidor dos conquistadores; informa e legitima ao mesmo tempo.
- Rashid al-Din. *Jami'u't-Tawarikh: Compendium of Chronicles*. Tradução e edição de Wheeler M. Thackston. Harvard University, 1998-1999. Projeto historiográfico ilcânida de alcance extraordinário, dependente de informantes e objetivos cortesãos.
- Anna Komnene. *The Alexiad*. Traduções modernas de E. R. A. Sewter e Peter Frankopan. Relato de uma autora imperial sobre o reinado de Aleixo I; sua posição familiar é fonte e viés.
- Fulcher of Chartres. *A History of the Expedition to Jerusalem, 1095-1127*. Tradução de Frances Rita Ryan. University of Tennessee Press, 1969. Narrativa latina de participante da Primeira Cruzada; compare fases de composição e outras testemunhas.
- Usama ibn Munqidh. *The Book of Contemplation: Islam and the Crusades*. Tradução de Paul M. Cobb. Penguin, 2008. Memórias e exempla de um aristocrata sírio; não são fotografia neutra das relações cotidianas.
- Ibn al-Athir. *The Chronicle of Ibn al-Athir for the Crusading Period*. Tradução de D. S. Richards. Ashgate, 2006-2008, 3 volumes. Perspectiva de um cronista de Mosul, útil para cruzadas, zênguidas, aiúbidas e mongóis.
- Zhao Rugua. *Zhu Fan Zhi: A Description of Barbarous Peoples*. Tradução clássica de Friedrich Hirth e W. W. Rockhill, 1911; consulte reavaliações modernas. Compilação Song sobre comércio marítimo, intermediada por informantes e categorias chinesas.
- The Cairo Genizah. Documentos editados em séries como *India Traders of the Middle Ages*, de S. D. Goitein e Mordechai A. Friedman. University of Utah Press. Cartas mercantis revelam redes e famílias, mas sobreviveram por circunstância excepcional.

South Indian Inscriptions. Archaeological Survey of India, série em vários volumes. Edições de inscrições cholas e outras, a serem citadas por volume, número, língua, lugar e data proposta.

Takezaki Suenaga. Mōko shūrai ekotoba, ou rolos ilustrados das invasões mongóis. Consulte fac-símile institucional e estudo de Thomas Conlan. Imagens foram compostas e alteradas em momentos diferentes; não são registro fotográfico.

Al-Idrisi. The Book of Roger. Traduções e estudos parciais. Geografia do século XII produzida na Sicília para uma corte multicultural; distingue relato direto, informação transmitida e convenção cartográfica.

Fontes digitais, cursos, acervos e documentários sérios

Como selecionar e usar

Os recursos abaixo pertencem a universidades, museus, bibliotecas, órgãos de patrimônio ou projetos acadêmicos. Essa origem não transforma toda legenda em verdade definitiva. Registre autoria, data de atualização, instituição, número de catálogo, edição e licença. Um vídeo de divulgação oferece orientação; uma base de dados organiza registros; nenhum deles substitui a crítica da fonte e a bibliografia especializada.

China, Coreia, Japão e Mongóis

[Columbia University - Asia for Educators: Song Dynasty China](#)

Módulo visual sobre economia, tecnologia, cidades, exames e vizinhos da Song. Algumas fórmulas superlativas são didáticas; transforme-as em perguntas comparativas, não em ranking civilizacional.

[Columbia University - Asia for Educators: The Mongols in World History](#)

Dossiê com mapas, objetos, temas e materiais de aula. Útil para separar conquista, governo, comércio e legados nos diferentes canatos.

[China Biographical Database Project - Harvard, Academia Sinica e Peking University](#)

Base prosopográfica aberta para trajetórias, parentesco, cargos e redes, muito rica para Song. Dados codificados dependem das fontes e da cobertura editorial; ausência na base não prova ausência histórica.

[Chinese Text Project](#)

Biblioteca digital e ferramentas para textos chineses, sobretudo antigos. Verifique edição, língua, tradutor e limites de OCR antes de citar; para Song, use a busca para localizar tradições textuais, não como edição final automática.

[Princeton University Art Museum - Timeline of Japanese Art History](#)

Cronologia visual com objetos e períodos. Ajuda a situar Heian e Kamakura, mas periodização artística não equivale automaticamente a mudança política.

[Digital Silk Road - National Institute of Informatics, Japão](#)

Arquivo de mapas, fotografias e coleções da Ásia interior. Registre proveniência e história da coleta, pois muitas imagens derivam de expedições dos séculos XIX e XX.

Bizâncio, cruzadas e mundo islâmico

[Dumbarton Oaks - Resources for Byzantinists](#)

Portal para bibliografias, catálogos, moedas, selos e projetos de pesquisa. É ponto de partida para documentação especializada, não um curso linear.

[Dumbarton Oaks - Online Catalogue of Byzantine Seals](#)

Catálogo pesquisável de selos. Compare texto, imagem, cargo, datação proposta e proveniência; a sobrevivência de um selo não prova a extensão efetiva de um ofício.

[Metropolitan Museum - The Crusades, 1095-1291](#)

Ensaio ilustrado ligado a objetos do acervo. Serve para arte, circulação e cronologia, mas deve ser equilibrado com fontes árabes, siríacas, armênias e bizantinas.

[Metropolitan Museum - The Art of the Seljuq Period in Anatolia](#)

Introdução a arquitetura e artes seljúcidas na Anatólia. Use os objetos para perguntar por oficina, patrono, inscrição e circulação, não para supor identidade étnica pela aparência.

[Hill Museum & Manuscript Library - Islamic Manuscripts](#)

Portal de coleções manuscritas preservadas por instituições parceiras. Metadados, imagens e permissões variam; cite o repositório detentor e o identificador completo.

[Cambridge Digital Library - Cairo Genizah Collection](#)

Imagens e descrições de fragmentos da Geniza. Se o portal bloquear acesso automatizado, abra-o em navegador comum; para interpretação, procure a edição acadêmica do documento.

[Fordham University - Internet Medieval Sourcebook](#)

Ampla seleção didática de traduções. É útil para localizar textos, mas muitas versões antigas estão em domínio público e podem ter introduções superadas; confirme tradutor e edição.

Sul e Sudeste Asiático

[Siddham - Asian Inscriptions Database](#)

Base acadêmica de inscrições, manuscritos e objetos do Sul, Centro e Sudeste Asiático. Registre número, local, língua, escrita, data e responsabilidade editorial.

[UNESCO World Heritage Centre - Angkor](#)

Dossiê patrimonial com mapas, documentos e descrição do sítio. Patrimônio mundial seleciona e administra um lugar; para história urbana, acrescente relatórios arqueológicos e estudos de paisagem.

[Buddhist Digital Resource Center](#)

Grande arquivo de textos budistas tibetanos e de outras tradições. Diferencie data de composição, cópia digitalizada, edição e tradução.

[International Dunhuang Programme](#)

Catálogo internacional de manuscritos, pinturas e objetos. É especialmente útil para Tangut, tibetano e uigur; registre instituição detentora, cota e licença de imagem.

África e oceano Índico

[UNESCO - General History of Africa](#)

Portal oficial da coleção e de seus volumes. Para este recorte, use principalmente o volume IV e compare capítulos originais com pesquisas arqueológicas mais recentes.

[UNESCO - General History of Africa, volume IV](#)

Livro de acesso aberto sobre a África dos séculos XII a XVI. O recorte começa depois de 1100; complemente os processos anteriores com o volume III.

[Smarthistory - Great Zimbabwe](#)

Introdução visual e acessível ao sítio, sua construção africana e a história de interpretações coloniais. Use-a como ponte para arqueologia especializada.

[UNESCO World Heritage Centre - Great Zimbabwe](#)

Dossiê patrimonial oficial com documentação do monumento. Não confunda critérios modernos de inscrição com a função histórica do assentamento.

[Cahokia Mounds - Education](#)

Materiais educativos produzidos pelo sítio histórico. Compare reconstruções e números populacionais com publicações arqueológicas e registre a faixa cronológica usada.

[UNESCO World Heritage Centre - Cahokia Mounds](#)

Página patrimonial com descrição, mapas e documentos. Ajuda a situar a escala do sítio, mas não resolve os debates sobre forma de governo ou população.

Arte, objetos e conexões mongóis

[Metropolitan Museum - The Legacy of Genghis Khan](#)

Ensaio sobre patronato, circulação e arte sob domínios mongóis. Evite converter semelhança estilística em prova automática de contato direto.

[Metropolitan Museum - Yuan Dynasty, 1271-1368](#)

Introdução visual ao Yuan, útil como ponte para o Volume 8. Observe que a dinastia começou antes da conquista completa da Song em 1279.

[Metropolitan Museum - South Asian Art and Culture](#)

Panorama de longa duração com objetos do acervo. Use filtros e páginas de objeto para obter datação, material, proveniência e direitos de imagem.

[Metropolitan Museum - Arts of the Greater Himalayas](#)

Ensaio para Tibete e regiões vizinhas, bom para observar patronato budista e mobilidade de estilos entre Himalaias, China e mundo mongol.

[OER Project - Source Collection: Mongol Empire](#)

Seleção didática de fontes curtas, adequada para comparação inicial. Antes de publicar, recupere a edição completa, o tradutor e o contexto de cada excerto.

Roteiro recomendado de estudo em sete semanas

Semana 1: leia os capítulos 1 e 2 e monte uma linha do tempo de 1000 a 1300. Marque em cores diferentes mudança dinástica, conquista, tratado e fundação urbana.

Semana 2: estude os capítulos 3 e 4. Use o módulo Song e o CBDB para acompanhar uma política, uma família de oficiais e uma fronteira; registre o que a base não permite concluir.

Semana 3: leia os capítulos 5 a 7. Compare um documento da Geniza, um selo bizantino e duas narrativas da Primeira ou da Quarta Cruzada produzidas em posições diferentes.

Semana 4: leia os capítulos 8 a 11. Faça uma matriz de Chola, Angkor, Pagan, Goryeo e Kamakura: fonte dominante, receita, intermediários e problema historiográfico.

Semana 5: estude os capítulos 12 a 14. Compare Grande Zimbábue, Cahokia e Angkor por população estimada, área, trabalho coletivo e limites da evidência, sem imaginar contato.

Semana 6: leia os capítulos 15 e 16. Use três fontes sobre os mongóis — uma mongol, uma persa e uma de outro contexto — para separar conquista, incorporação, circulação e memória.

Semana 7: escolha uma controvérsia, reúna cinco trabalhos acadêmicos e duas fontes primárias.

Produza um artigo autoral com tese, evidências, objeção, grau de certeza, legenda completa de imagens e bibliografia.

Adaptação autoral: Para transformar este volume em blog, aula, vídeo ou podcast, não copie um capítulo inteiro. Refaça a arquitetura para o público e o formato escolhidos, preserve os créditos, cite as fontes consultadas e verifique licenças de imagens. O texto é autoral; fontes, dados e interpretações acadêmicas continuam exigindo atribuição.

Continuação da coleção

O Volume 8 avançará aproximadamente de 1300 a 1500 d.C. O eixo será um mundo depois da primeira expansão mongol, mas ainda moldado por seus estados, rotas e deslocamentos: Yuan, Ming inicial, Ilcanato, Chagatai e Horda de Ouro; ascensão otomana e transformações de Bizâncio; sultanatos da Índia e do Sudeste Asiático; Mali e Songhai, Etiópia e cidades suaílis; reinos europeus e conflitos de soberania; astecas, incas e outras formações americanas.

A pergunta central será como epidemias, comércio, guerra, peregrinação, crise fiscal, expansão agrária e novas combinações imperiais reordenaram regiões conectadas sem produzir uma história única. O método permanecerá o mesmo: evidências antes de certezas, coexistência explícita, comparação sem equivalência automática e atenção a colaboração, negociação, coerção, resistência e memória.